

# Insurreição

Teatro, História e Educação

Camilla Agostini  
Carina Maria Guimarães Moreira

Rio de Janeiro, 2024

Agostini, Camilla e Moreira, Carina Maria  
Guimarães. Insurreição. Teatro, História e  
Educação. Rio de Janeiro: IMAS, 2024.

## SUMÁRIO

<b>HISTÓRIA E TEATRO: ESTRATÉGIAS PARA FOMENTAR O PENSAMENTO CRÍTICO E CRIATIVO NO ENSINO BÁSICO</b>	<b>1</b>
<b>INSURREIÇÃO: A PROPOSTA</b>	<b>5</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>8</b>
<b>DRAMATURGIA – INSURREIÇÃO</b>	<b>10</b>
<hr/>	
<b>PARTE I – COTIDIANO E LABUTA</b>	<b>12</b>
CENA I – MATO	12
CENA II – FESTA: CORAÇÃO DE REI E RAINHA	14
CENA III – TRABALHO	15
PLANO SOBRENATURAL	20
CENA IV – DOMINGO DE CAXAMBU	20
CENA V – REUNIÃO DE CÚPULA: OS LÍDERES DA INSURREIÇÃO	23
PLANO SOBRENATURAL	23
CENA VI – AMANHECE	24
<b>PARTE II – FUGA E PRISÃO</b>	<b>27</b>
CENA VII – À NOITE - FUGA	27
CENA VIII – FUGA NA COZINHA	28
CENA IX – BRANCOS NA CASA DE VIVENDA	30
PLANO SOBRENATURAL	31
CENA X – MATO	31
CENA XI – BUSCA NO MATO	32
NARRAÇÃO – VEREDICTO DO JÚRI	34
<b>INSURREIÇÃO TROCADA EM MIÚDOS: VERBETES</b>	<b>35</b>
<hr/>	
O VALE DO PARAÍBA NO IMPÉRIO DO BRASIL	35
PERSONAGENS: PROTAGONISTAS NO COLETIVO	38
O TRABALHO COM DOCUMENTOS: PROCESSO CRIMINAL, INVENTÁRIO E PERSONAGENS HISTÓRICOS	40
FERREIRO: OFÍCIO, LIDERANÇA E O OUTRO MUNDO	41
FEITORES ESCRAVOS E FEITORES AFRICANOS	42
PLANOS DE REVOLTA NA REGIÃO: LÍDERES, SOCIEDADE SECRETA	46
A RELAÇÃO DO PLANO TERRENO COM O OUTRO MUNDO NUM JOGO DE TABULEIRO	48
FAMÍLIA E AMASIO: ESTRUTURA E FORÇA DE COESÃO DA COMUNIDADE, MOTOR DE CONFLITOS	51
TRABALHO	52
ENCONTROS COM O TAMBOR	54
PROTAGONISTAS E FIGURANTES: A QUESTÃO RACIAL EM CENA	56
A ESPERANÇA DA HISTÓRIA QUE NÃO FOI CONTADA	58

## **HISTÓRIA E TEATRO: ESTRATÉGIAS PARA FOMENTAR O PENSAMENTO CRÍTICO E CRIATIVO NO ENSINO BÁSICO**

Esta publicação tem o objetivo de apresentar um material para ser usado nas escolas, especialmente com adolescentes. Trata-se da dramaturgia *Insurreição*, baseada em um acontecimento histórico que permite abordar a experiência de africanos e seus descendentes no Brasil escravista. *Insurreição* foi fruto de um projeto desenvolvido no ano de 2000, *História e Teatro: estratégias para fomentar o pensamento crítico e criativo no ensino básico*, que visava a produzir textos teatrais que trabalhassem com conhecimentos acadêmicos interdisciplinares destinados a crianças, jovens e professores, assim como realizar a produção de peças, almejando, por meio do fazer teatral, um diálogo entre as Artes Cênicas e as Ciências Sociais de uma forma ampla (incluindo aqui a História, a Antropologia, a Arqueologia). No desenvolvimento desta proposta, chamamos a atenção para a relevância de trazer para o universo escolar a pesquisa em História e o trabalho com a cultura e a história local, valorizando costumes, festas, músicas e danças regionais num exercício de memória e cidadania.

A ideia de *História e Teatro: estratégias para fomentar o pensamento crítico e criativo no ensino básico* foi a de promover formas alternativas de trabalho com conteúdos ausentes ou pouco representados nos currículos escolares, enfatizando a importância de se trabalhar problemas que envolvem a história e a desigualdade social no Brasil.<sup>1</sup> Sendo a memória elemento fundamental para o desenvolvimento da cidadania no que se refere ao respeito ao outro e à potencialização da autoestima, procuramos trabalhá-la de forma crítica e criativa, com o intuito de contribuir para a formação de um espírito de respeito e de realização em crianças e adolescentes.

Nesse sentido, a proposta era de realização de espetáculos teatrais cujos temas envolveriam a experiência de grupos, categorias sociais e regiões particulares do Brasil que têm a sua história apenas parcialmente contada e chegam ao público jovem com fortes influências dos meios de comunicação de massa. Assim, a experiência de grupos indígenas antes e depois da invasão portuguesa; de africanos que para cá vieram escravizados e de seus descendentes; de fenômenos sociais importantes como Canudos

---

<sup>1</sup> Lembrando que esse projeto foi idealizado no ano de 2000, portanto, antes da Lei No 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

ou o Cangaço; além de manifestações culturais particulares a determinadas regiões do país, podem ganhar roupagem cênica, numa experiência de reflexão e representação. Com isso, o intuito era de estimular o estudante através da abordagem de conteúdos históricos, culturais e sociais fundamentais, do contato com a leitura e a música, da experiência de criação possibilitada pelas Artes Cênicas, além do trabalho em equipe necessário para a realização de um espetáculo teatral. Isto significa transformar peças teatrais e seus processos de produção em espaços de aprendizado e criação, reflexão e expressão artística.

No primeiro semestre do ano de 2000 foi realizado um projeto-piloto com os alunos do jardim-escola Índio Amigo, em Vassouras. A peça *Sempre Brasil*, realizada com cerca de 100 crianças, do maternal à quarta série, apresentou um pouco da história de grupos indígenas que estiveram em contato com os portugueses recém-chegados ao Brasil de 1500, uma demanda da própria escola à diretora teatral Carina Guimarães. O sucesso do trabalho<sup>2</sup> foi visto especialmente pelo envolvimento das crianças que demonstraram um grande interesse pela experiência nos ensaios e no palco, assim como pelas palestras ministradas sobre os significados da identidade indígena no momento do contato e nos dias atuais, nas quais foram discutidas algumas das questões suscitadas pelas comemorações dos “500 anos do Brasil”, organizadas pela mídia à época. Foi possível acompanhar não apenas o interesse das crianças das terceira e quarta séries,<sup>3</sup> que se responsabilizaram pela memorização de texto e de poesias, mas também pelos mais novos, que brincavam no cenário – com objetos de uso cotidiano como cestos, cerâmicas, utensílios de manipulação da mandioca, arco e flecha, etc. –, ao longo dos ensaios.

Ainda no ano de 2000, elaboramos uma dramaturgia que aborda a experiência africana e afro-brasileira na região do Vale do Paraíba fluminense no século XIX. A história de uma fuga de pessoas que viviam sob o jugo da escravidão em Vassouras, no ano de 1838, foi transformada em uma trama que fala sobre a vida de africanos e seus descendentes na diáspora. A dramaturgia *Insurreição* foi, assim, escrita e chegou a ser encenada e agora segue publicada. O direcionamento mais específico do trabalho que pode ser realizado a partir deste texto será explicitado adiante.

---

<sup>2</sup> O trabalho realizado ao longo dos ensaios e na apresentação final foram registrados em fotografia e vídeo.

<sup>3</sup> Pelo currículo hoje, 4º e 5º anos.

Um ponto-chave da proposta está na sua concepção multidisciplinar. No caso, mantemos duas linhas de ação, uma da área de Artes Cênicas e outra da História.<sup>4</sup> A primeira delas sendo responsável pelo trabalho de direção e concepção cênica e às áreas a ela ligadas, assim como às vivências corporais e musicais de manifestações culturais relacionadas ao universo trabalhado. A proposta deste trabalho artístico é fundamental na aproximação com as manifestações populares locais de caráter sagrado, político e lúdico, valorizando um legado transmitido oralmente, num exercício de identidade e memória.

A segunda orientação do trabalho trata dos conteúdos social, político e cultural que podem ser abordados, com uma dramaturgia elaborada a partir de bibliografia especializada, levando informações de documentos históricos e reflexões de circulação normalmente restrita ao meio acadêmico de forma prazerosa e crítica para estudantes de nível básico. A proposta inclui aulas que abordem a experiência de afro-brasileiros no sudeste oitocentista, assim como para chamar a atenção para o conteúdo silencioso de determinadas cenas, promovendo debates para reflexões pontuais sobre a realidade experimentada na representação dos personagens. Além de aulas com pesquisadores especialistas no tema, recomenda-se a realização de conversas e oficinas com mestres de saberes populares ou tradicionais relacionados a vida cultural no local, tal como do jongo e da folia de reis. A sugestão é que esses encontros aconteçam ao longo dos ensaios e da montagem do espetáculo, dentro e/ou fora da sala de aula. Em anexo à dramaturgia seguem verbetes como material de apoio a ela associados, que ajudam professores a aprofundarem esses conteúdos nas entrelinhas das cenas.

A linguagem coloquial e os erros evidentes no português do texto servem de auxílio aos estudantes para a construção de seus personagens históricos na atuação. Vale lembrar que o objetivo não é a formação de atores, mas o ensino propriamente – um ensino multidisciplinar. O trabalho com o teatro realiza-se, nesse sentido, como dispositivo para conteúdos diversos que envolvem a formação do indivíduo em sua idade escolar pelo seu potencial de reflexão e realização.

O presente texto tem como preocupação atingir especialmente os alunos da rede pública de ensino, podendo ser realizado nas grandes cidades ou no interior, assim como em diferentes regiões. No caso da peça *Insurreição*, sugere-se que ela seja trabalhada com jovens entre 12 e 15 anos, ao longo de um semestre, acompanhando a rotina

---

<sup>4</sup> História e áreas afins no âmbito das Ciências Sociais.

escolar dos estudantes, podendo ou não ser tratada como tema transversal em atividades paralelas à rotina escolar, ou em diálogo direto com matérias como história, português e artes, por exemplo.

Procuramos propor alternativas às discussões sobre os temas transversais no que tange ao problema da sua implementação e da revisão de conteúdos fundamentais na formação da cidadania no contexto brasileiro. Entende-se que, para abordar a diversidade cultural e a desigualdade social com crianças e adolescentes, nada mais eficaz e sedutor do que um trabalho multidisciplinar envolvendo um diálogo das áreas de Artes Cênicas e das Ciências Sociais de uma maneira geral com a escola.

## INSURREIÇÃO: A PROPOSTA

No ano de 1838, na freguesia de Paty do Alferes, pertencente à antiga comarca de Vassouras, ocorreu uma grande fuga de pessoas que trabalhavam como escravas em fazendas na região. Quatrocentas pessoas se organizaram com o intuito de fugir e formar um quilombo nas matas da região. O líder da sublevação é hoje reconhecido pela comunidade local, pelo meio acadêmico e pelo movimento negro. Trata-se de Manoel Congo, que, junto a outras pessoas apontadas como líderes, conduziu centenas de pessoas numa fuga espetacular que envolveu as comunidades das senzalas da Fazenda da Freguesia e da Fazenda da Maravilha, pertencentes ao capitão-mor Manoel Francisco Xavier, e da Fazenda “do Avellar”, pertencente a Paulo Gomes Ribeiro de Avellar.

A história da Insurreição de 1838 já vem sendo contada por historiadores e literatas em livros e através de documentários. Não caberá aqui uma discussão pormenorizada sobre essa produção, ressaltando apenas a recorrência de uma determinada forma de abordar tal história. Ao que parece, a liderança de Manoel Congo e o seu destino na forca acabam por receber a maior atenção de autores e contadores de histórias. Mariana Crioula, liderança feminina ao seu lado, por vezes também ganha protagonismo. Contudo, pouco se fala dos outros tantos cativos, de suas origens, do seu modo de vida, da sua forma de negociar com ou resistir às forças dominantes no contexto do sistema escravista, e, particularmente no caso da Insurreição, o nível de organização necessário para a mobilização de centenas de pessoas, além de toda a infraestrutura preparada para a formação de uma comunidade quilombola.

Quem oferece uma versão mais rica e complexa dessa história é Flávio dos Santos Gomes em seu livro *Histórias de Quilombolas*, no qual um capítulo foi dedicado à análise da Insurreição. O autor procura apresentar a formação de uma comunidade entre os escravos, guiada por uma cultura própria, deslocando o foco do grande líder negro Manoel Congo para um fragmento de sociedade, sua cultura e ação política.

Foi baseado no argumento desse autor, assim como em importantes obras sobre a experiência de centro-africanos no Sudeste dos oitocentos,<sup>5</sup> além dos processos e inventários da época depositados no Centro de Documentação Histórica que se construiu o texto da peça *Insurreição*, no ano de 2000. E, vale dizer, foi pela sugestão de José de Melo Moreira, cidadão vassourense, de abordarmos a fuga liderada por Manoel Congo que pretendemos que esta história seja contada outra vez.

A dramaturgia apresenta alguns dos líderes apontados como os cabeças da sublevação nos interrogatórios recolhidos pela Justiça. Os alunos e o público conhecerão, além de Manoel Congo, Pai Ignácio Rebolo e Miguel Viado, todos homens escravizados que tinham como ofício a manipulação do ferro. Foram os líderes ferreiros da *Insurreição*. Ainda se destaca como líder o africano Epifânio Moçambique, um trabalhador de roça que era também feitor de uma fazenda vizinha. Essa cúpula aparece na peça confabulando a fuga e exercendo forte influência sobre os outros. Dela vêm as decisões e através dela se mantém o contato com as forças sobrenaturais dos espíritos ancestrais.

Na peça, esse mundo sobrenatural aparece a todo momento, ora pelo chamado que faz o líder espiritual Ignácio Rebolo aos ancestrais – representados pela entidade do Preto Velho –, ora por determinados acontecimentos que são espelhados num jogo de tabuleiro no qual a entidade do Preto Velho negocia com a Força Vital – uma espécie de força cósmica da natureza – em prol de seus descendentes.

Aqui a ficção e a História se somam para explicar conteúdos mais complexos de uma realidade compartilhada não só pelos cativos envolvidos na fuga, mas também por africanos e africanas escravizados que forjavam um novo mundo em terras brasileiras nos 1800. Esses personagens – líderes e entidades sobrenaturais – são usados como fio condutor da trama da *Insurreição*. Contudo, como forma de abordar a vida cotidiana e as relações sociais entre cativos, há uma série de pequenas tramas paralelas, como a do triângulo formado por Camillo Sapateiro, Emília Conga e o Feitor Jacques. Nesse caso, procura-se explorar a dinâmica das relações conjugais, além das situações-limite que ocorrem em decorrência das relações de subordinação dos negros às forças de dominação da casa grande, sendo a expressão maior de violência e preconceito concentrada no personagem do Feitor.

---

<sup>5</sup> E.g. Gomes, 1993; Slenes, 1999; Castro, 1995; Florentino e Góes, 1997; Stein, 1990; Gomes e Pereira, 1988; Reis e Gomes, 1996; Abreu, 1999; Alencastro 1997.

Grupos de trabalho como o das lavadeiras, das escravas domésticas que serviam dentro da casa de vivenda do senhor, dos trabalhadores do eito e dos ferreiros aparecem em sua rotina de trabalho e em interação uns com os outros. Assim, hábitos, divertimentos, conflitos serão expostos e vividos pelos alunos na experiência de encenar esses personagens na sua vida cotidiana.

A rotina do trabalho e a ideia de passagem do tempo são marcadas por uma sucessão de dias e noites, de rezas e sussurros. A música e a dança são apresentadas como artifícios, espaços de realização social – como a coroação de Rei e Rainha, festa ainda hoje comum em Minas Gerais – e de relação com as forças sobrenaturais, procurando mostrar como num alegre encontro de Caxambu, por exemplo – divertimento que é relembrado pela memória da Vassouras do século XXI –, não só a bebida, o flerte e a diversão podem estar presentes, mas também uma forma de contato com o mundo dos ancestrais.

No que tange à linguagem atribuída a alguns personagens, procurou-se acentuar uma forma de falar diferenciada como, por exemplo, a do Pai Rebolo – um falar mais intenso e reflexivo – ou a dos escravos que levam o “sobrenome” Moçambique – com um falar mais atrapalhado e com mais sotaque –, auxiliando os alunos na representação dos personagens e introduzindo questões como a diversidade linguística dessa “comunidade escrava”.

Com o objetivo de trazer à cena principal a vida destas pessoas nessa zona rural do Rio de Janeiro do século XIX, personagens como a Sinhá e a Sinhazinha, ou mesmo a do próprio Senhor, são figurantes, observadores da trama. O impacto da presença branca se dá apenas depois de efetuada a fuga, quando a Guarda Nacional é acionada e sai à busca dos fugitivos no mato, onde são presos.

No final, para além do enforcamento de Manoel Congo, são lembradas questões e esperanças por um narrador. Desta maneira, lançamos com essa obra teatral e a própria vivência corporal e musical dos envolvidos no processo um outro olhar para a História e as questões sociais que a envolvem, trazendo diversas perspectivas, tanto do ponto de vista da representação que dá forma a personagens ainda pouco representados positivamente, como é o caso de africanos e afro-brasileiros, como da perspectiva de se contar a história a partir desses personagens. Do mesmo modo, pretendemos trabalhar conteúdos sociais, políticos e culturais do passado de uma determinada categoria social de forma criativa e envolvente.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, Martha. *O Império do Divino*. Festas Religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Castro, Hebe M. M. de. *Das Cores do Silêncio*: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- Coelho, J. Paulo Borges. *Akapwitchi Akaporo*: Armas e Escravos. Instituto Nacional do Livro e do Disco, s.d.
- Florentino, Manolo G.; Góes, José R. *A paz das senzalas*: famílias escravas e tráfico Atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- Gomes, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas*: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.
- Gomes, Núbia M.; PEREIRA, Edimilson A. *Negras raízes mineiras*: os Arturos. Juiz de Fora: Edufjf, 1988.
- Ki-Zerbo, J. Introdução. UNESCO. *História Geral da África*: metodologia e pré-história da África. vol.1. São Paulo: Ática, 1982.
- Lacerda, Carlos. *O Quilombo de Manuel Congo*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.
- Lei 9394 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20/12/1996. Ed. Brasil SA; Novas diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental.
- Alencastro, Luiz F. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Pinaud, João L.D. et. al. *Insurreição negra e justiça*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura – OAB, 1987.
- Reis, João J.; GomeS, Flávio S. (Org.). *Liberdade por um fio*: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: cia das Letras, 1996.
- Simon, Maria L.M. *O falar da escravidão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- Slenes, Robert W. *Na senzala uma flor*: as esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Stein, Stanley. *Vassouras*. Um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ZortéA, Andréa de S. Arqueologia e Pedagogia: um intertexto possível sobre a ótica interdisciplinar. In: *Coleção Arqueologia*. Anais da VIII reunião Científica da SAB, Porto Alegre, EDIPUCRS, no.1, v.2, 1996.

## **DRAMATURGIA – INSURREIÇÃO**

### **Espaço Cênico**

Ao fundo, no centro, está a fachada de uma senzala com uma sequência de portas e frestas (espaços de fuga). Pode ser feita com material imitando o pau a pique (bambu, papelão, cola e terra) ou pintada em lona, com rasgos para as portas e os espaços de fuga. Do lado direito do palco, apresenta-se a casa de vivenda do senhor (fachada da casa com janela alta e porta de saída da cozinha). Deverá ser utilizada uma estrutura de madeira, com um pequeno tablado formando o segundo andar da casa (onde está a janela), sendo a fachada pintada em lona que deverá cobrir a estrutura. Ao centro, apresenta-se o pátio com um tronco. Do lado esquerdo do Palco, uma mata onde serão executadas as cenas de trabalho na roça e os encontros secretos dos ferreiros.

O Plano Sobrenatural acontece em mesa com duas cadeiras e um jogo de tabuleiro, sendo as peças elementos da natureza X personagens – representando uma realidade paralela. Deverá localizar-se no extremo esquerdo do proscênio (mesmo lado da mata), ou em tablado montado ao lado do palco. No outro extremo do proscênio, um rancho, feito com madeira e palha, em meio a uma mata.

### **Personagens**

Todos os personagens e as informações a eles relacionadas foram retirados de documentos da época, à exceção do Preto Velho e da Força Vital que são fictícios.

### **Plano Sobrenatural**

Preto Velho: entidade representando os ancestrais.

A Força Vital: a natureza, sendo, ao mesmo tempo, a Força sobrenatural com quem se negocia.

### **Líderes escravos**

Manoel Congo: ferreiro, casado com Mariana, Rei da comunidade.

Ignácio Rebollo: guia espiritual, homem idoso.

Miguel Viado: mestre ferreiro, casado com Joana Mofumbe.

Epifânio Moçambique: trabalhador de roça e feitor da fazenda da Maravilha.

### **Escravos**

Mariana Crioula: costureira e mucama, casada com Manoel Congo, Rainha da comunidade.

Rita Crioula: enfermeira, casada com José Congo.

Emília Conga: lavadeira, casada com Camillo Sapateiro.

Camillo Sapateiro: casado com Emília Conga.

José Cidade: Benguela, capataz, casado com Lourença Crioula.

Lourença Crioula: torra farinha – cozinheira, casada com José Cidade.

Joana Mofumbe: trabalhadora de roça e lavadeira, casada com Miguel Viado.

Afonso Angola: trabalhador de roça, solteiro.

Adão Benguela: trabalhador de roça, solteiro.

Camuto Moçambique: trabalhador de roça, solteiro.

Julião Quissamã: – *cena da escada*.

Balbina Conga – *cena da escada: instigou Rita a fugir*.

Brísida Crioula: serviço de roça, casada com João.

Josefa Angola: serviço de roça, casada com Belisário crioulo.

### **Branco**

Capitão-Mor Manuel Francisco Xavier: senhor.

Sinhá Francisca: senhora.

Sinhazinha: filha dos senhores.

Comadre: vizinha e comadre da Sinhá.

Administrador.

Feitor Jacques.

Coronel Lacerda Wernek: liderança da Guarda Nacional.

Policiais da Guarda Nacional (total de 6).

Lavradores (total de 2).

## PARTE I – COTIDIANO E LABUTA

### Cena I – Mato

No canto direito do palco, num rancho no meio da mata, está reunido um grupo de homens escravizados de forma clandestina. Com um foco de luz sobre esses personagens, o resto do cenário permanece na penumbra. Epifânio chega da fazenda vizinha, cumprimenta os parceiros com as mãos e logo começa a falar sobre o andamento de um plano de fuga. Trata-se de uma reunião secreta de escravos ferreiros; nela estão presentes líderes que confabulam uma insurreição. O encontro tem como objetivo consagrar um novo Rei da comunidade de negros das fazendas da região: Manoel Congo.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Demorei porque, passano na estrada da Fazenda Maravilha, topei com uns mascate e tive que me esconder até que eles passasse, por sorte foro na direção da venda do seu Joaquim.

MIGUEL VIADO – Como é que tá o pessoal da Fazenda do Avellar? Tá tudo de acordo? Todo mundo pronto prá fazê o quilombo? – pergunta com ar tenso.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Eu tenho uma nova: agora sô feitor. Já tenho até como pegá chave da senzala.

MANOEL CONGO – Qué dizê que agora virô protegido do sinhô?!!!

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Ahh que nada... agora tá é melhor, porque conseguir uma liderança como a de vocês ferreiro tava difícil, já como feitô fica mais fácil.

MIGUEL VIADO – Já chega de conversa, nós não temos muito tempo. Agora Pai Rebollo vai mostrar a força que tem o ferreiro.... Manoel pra gente já é um líder, e agora vamos pedir licença para que ele seja o Rei do quilombo.

Pai Rebollo dá umas pitadas no cachimbo, cospe para o lado e toma um gole de cachaça numa cuia. Levanta-se, sua postura é curva e seus cabelos grisalhos. Em uma vasilha com água vai colocando as ervas que já foram colhidas e para cada tipo de erva que coloca na água dá uma qualidade.

PAI REBOLO – Agora silêncio. É preciso ser sensato, ter coragem, determinação. Mas é o coração aquele que liga um homem à Força. O coração de um grande líder é ritmado pelo toque dos ancestrais, e são eles que eu evoco neste momento (solta fumaça na mistura).

Manoel ajoelhado, recebe água na cabeça ...

### **Plano Sobrenatural**

O Preto Velho e a Força iniciam um jogo de tabuleiro, apresentando suas peças, no canto esquerdo do palco.

PRETO VELHO – Então, Dona, eu sei que a senhora é soberana e que tudo está sujeito à sua Força... mas Pai Rebolo me chama, e não é por pouco. Manoel é um verdadeiro líder e com ele essa gente tem uma boa chance. Esse caso eu vou ter que acompanhar... Afinal, cá entre nós, tem vezes que a senhora dá umas cochiladas. A senhora sabe, cochilou o cachimbo cai.

A FORÇA – Veja bem, velho, quem pita no cachimbo aqui é você. Mas tudo bem, eu aceito o jogo. Você já conhece as minhas peças: eu tenho tudo que se encontra na claridade e na escuridão, os caprichos da natureza e os sentimentos do homem.

PRETO VELHO – Sei que as suas peças são poderosas, mas a gente que o velho Rebolo guia é gente de muito valor e eles vão ser as minhas peças. Tem o Pai Rebolo que é quem vai manter o contato; Manoel Congo, guerreiro, sangue de ferreiro, que vai ser Rei desse quilombo; tem também Mariana que é a minha Rainha; os carpinteiros, as lavadeiras, uma boa cozinheira ....

A FORÇA – Então vamos lá, meu velho, vamos começar esse jogo como todo jogo deve ser começado, pelo destino.

### **Mata**

PAI REBOLO – Agora você pode ser coroado rei por toda a gente, e Mariana será a rainha do nosso quilombo.

MANOEL CONGO – Vou ser Rei quando toda a gente tiver lá, trabalhando a nossa roça, cuidando da nossa vida, das nossas coisa... quando a gente chegá no lugar onde vai ser o quilombo.

A luz se apaga. Retiram-se do palco.

## **Cena II – Festa: coração de rei e rainha**

Acende a luz do palco e Julião Quissamã entra anunciando a festa, vindo, logo em seguida, o cortejo e os festeiros enfeitados para a ocasião. Estão também presentes o Feitor e o Administrador, este segundo um pouco mais afastado. O Senhor, a Sinhá e a Sinhazinha assistem ao folguedo da janela da casa de vivenda.

JULIÃO – Vamo coroaá nosso Rei, sim sinhô!

PAI REBOLO – Ah!

Todos soltam gritos e ajoelham-se. No centro, dois tronos improvisados. Começa o batuque. Pai Rebolo sente vibrações, todos levantam e começam a bater palma. Pai Rebolo convida Manuel Congo e Mariana a sentarem-se nas cadeiras. São benzidos. Coroa, cajado e manto para o Rei. Para a Rainha um turbante, colares e uma pequena faca. É feita a coroação com gritos de alegria.

MANOEL CONGO – Trago em meu corpo a força dos antigos que guiará a nossa gente. Que minha mente seja aberta para receber as mensagens do Divino...

TODOS – Viva o Rei!!!!

TODOS – Salve!

Saem todos em cortejo.

MANOEL CONGO – Ô meu sinhô, hoje é o meu dia de ser a sua majestade ... – fazendo reverência ao senhor que estava na janela da casa de vivenda.

O Senhor abana sorrindo

Festa, som ambiente.

SENHOR – Jacques, já é hora de acabar com o barulho. Vamo Francisca, entra menina.

O feitor se dirige à multidão aos gritos, dando chicotadas no chão.

FEITOR – Já tá na hora de acabá com essa algazarra, vamo pará com isso cambada, prá dentro... e rápido, senão vô botá a chiquira prá cantá.

Os escravos recolhem-se, ficando dois ou três que, embriagados, ficam debochando do Feitor e acabam levando lambadas de chicote. Camillo Sapateiro se enfeza e ameaça reagir contra o feitor. O Feitor prende o escravo revoltado no tronco, onde ele passa a noite.

Anoitece.

### **Cena III – Trabalho**

Amanhece, os escravos saem das senzalas e dois deles são autorizados pelo Feitor a tirar o parceiro do tronco, sendo um deles uma mulher, Rita, que, com uma cuia nas mãos, passa uma pasta nas costas do Escravo machucado.

CAMILLO SAPATEIRO – Ai, ai ...

RITA – Calma, paciência.

CAMILLO SAPATEIRO – Não gosto de ser tratado feito bicho.

RITA – Qué sabê? Bem feito! Cê bebeu demais, home. A Emília já foi lá pro riacho e falô que nem qué te vê.

CAMILLO SAPATEIRO – Diabo de muié. E aquele feitor, vai ver só.

RITA – “Cachaça é moça bonita / Fia de homem trigueiro / quem tomá amô com ela / nunca mais junta dinheiro”<sup>6</sup> – fala com um ar de zanga – Ocê tem é que largar de bebê e tratá de fazê sapato! Pensa bem, home, a nossa vida tá prá mudar. Já inté coroamos nosso rei.

AFONSO ANGOLA – Tô sabendo que Manoel vai falá com os nossos companheiros hoje na hora do rancho.

CAMILLO SAPATEIRO – Mas e o feitô?

AFONSO ANGOLA – A Lourença Cozinheira falô que vai dar um jeito daquele safado encontrá com ela na hora do almoço. Só assim nosso Rei vai poder falar com todo mundo na roça sem o feitor prá vigiar.

RITA – Ela vai pegá aquele desgraçado pela barriga! Mas e o capataz?

AFONSO ANGOLA – Ele é escravo feito nós, tá do nosso lado.

RITA – Lá vem o feitô.

---

<sup>6</sup> Dizer retirado de Gomes e Pereira (1988), reproduzido em um canto da comunidade mineira dos Arturos.

Chega o feitor já açoitando no chão e pedindo pressa. Na mesma hora a conversa para. Os escravos são chamados para fazer a forma. É rezada a Ave Maria em presença do senhor (de sua janela) e o Feitor faz a contagem.

FEITOR – Atenção todos! À forma! 2, 10, 20, 30, 50, 100, 150, 200.

TODOS – Ave Maria cheia de graça, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus,  
Santa Maria mãe de Deus, agora e na hora de nossa morte, amém.

FEITOR – Hoje a tarefa vai ser igual a de ontem para todo mundo. Os que foram ontem roçar o morro depois do riacho, hoje vão fazer o mesmo serviço do lado de cá. As lavadeiras vão ter que lavar as roupas prá lá da ponte, porque vamo limpar os balaios no riacho. Os ferreiros tão demorando muito com as ferramentas que o senhor pediu. Não quero ver ninguém fazendo corpo mole. Anda cambada, todo mundo trabalhá.

Saem murmurando uma cantiga e ficam as lavadeiras em cena.

JOANA – Ei, Emília, tá quebrada muié?!

EMÍLIA – Eu tô é possessa, aquele meu marido sapateiro me paga. Na melhor parte, que era só a gente ir pro barraco e terminar a festa, ele me arranja aquela confusão.

Emília e Joana chegam à casa-grande para entregar roupas à Mariana que vai recebê-las na porta.

EMÍLIA – Toma a roupa, Mariana.

MARIANA – Emília, a Lourença falô que tá vindo trazer os tempero da Índia que te prometeu.

EMÍLIA – Eu espero aqui. – Emília tira de um saco um cachimbo e cachimba.

FEITOR – É a minha pérola Emília!

EMÍLIA – Nem vem seu feitor, num gostei nada do que o senhor fez com meu marido.

FEITOR – Eu mato aquele nego pinguço. Vem ficá comigo que eu vô te dá uma vida boa, larga aquele sapateiro que eu te tiro do batente.

JOANA – Hii, Emília!

FEITOR – Eu não falei com você sua inxirida.

Logo chega Lourença com dois vidros da cozinha. Emília guarda o cachimbo e desembrolha um outro cachimbo e sabão, trocando-os pelos vidros de Lourença.

LOURENÇA – Nhô feitô, bom te ver! Tô preparando um cozido, um baita panelão. Por que não vem pro almoço? Eu separo um prato bem quentinho.

FEITOR – Tá vendo, Emília, é assim que se trata um feitor, você ainda há de aprender. Pode deixar que na hora do almoço eu passo na cozinha.

O feitor passa a mão em Emília, que se esquiva.

EMÍLIA – Comprei com o mascate que passou há poucos dias na estrada da fazenda, é lá da terra, olha que beleza!

LOURENÇA – É mesmo uma beleza – examinando os produtos – esse sabão, eu tava mesmo precisando. O meu, que eu deixava bem guardado, na semana passada, fui no lugar onde guardava e não achei, tenho certeza que foi coisa de Saci. Não é de hoje que ele vem andando com as coisas da minha cozinha.

EMÍLIA – Agora vamo, Joana, que ainda tem muito serviço.

LOURENÇA – Cês vão lavar a roupa da Sinhá? É bom fazê direito que ela tá lá da janela espiando. Tá só de olho.

JOANA – De olho, de olho... Eu bem meto um cipó de mico nessa roupa que ela vai se coçar até os olho virar!

Emília e Joana se encaminham para as demais lavadeiras, cantam e lavam roupa.

### **Hora do almoço na roça**

No canto direito do palco, próximo à mata.

FEITOR – Fica de olho nesse bando que eu já volto. E quando voltar quero ver essa cambada toda trabalhando – o feitor se dirige para a casa de vivenda.

JOSÉ CIDADE (capataz) – Deixa comigo.

Depois de uns minutos de trabalho sussurrando cantorias, José Cidade anuncia o almoço. A comida é distribuída em cuias e eles comem com as mãos.

## **Plano Sobrenatural**

PRETO VELHO – Eu mexo com Manoel, esse povo confia nele. Seja forte Manoel Congo! (mexendo sua peça). Eu vô guiá as suas pernas e as suas palavras, seu coração tem coragem, gosto de você homem!

A FORÇA – Essa gente é muito diferente, não pensam igual... A diferença é a peça que eu escolho.

Chega Manoel à roça.

JOSÉ CIDADE (capataz) – Pai Manoel, você aqui!

MANOEL CONGO – E aí, como é que tá? O Afonso já deve ter falado para vocês do nosso plano de fugir daqui, né?!

JULIÃO QUISSAMÃ – Mas pra onde, meu Rei, se esses capitão do mato pega tudo que é escravo fujão?

MANOEL CONGO – Por isso que a gente tem que fugir tudo junto, assim eles não pega a gente.

CAMUTO MOÇAMBIQUE – No terreiro a gente bem sabe que vocês ferreiro fica invisíve, mas e nós?!

MANOEL CONGO – Calma, é por isso que eu vim falar com vocês.

CAMUTO MOÇAMBIQUE – Mas invisíve como, meu Rei? – repete a pergunta ansioso.

MANOEL CONGO – Vamo fugir no dia certo. Pai Rebolo e Epifânio conhecem bem essa mata; sabem onde todo mundo pode ficar invisíve pro senhor. E é lá que temo que chegar. O que posso garantir é que lá a nossa vida vai ser diferente. A gente tem que tentar. Pensem nos nossos filhos, nas nossas família, é preciso união, tá chegando o nosso dia, a gente vai poder construir uma vida longe do chicote e da humilhação.

Trabalhadores concordam.

JOSÉ CIDADE (capataz) – Agora é melhor ir, o Feitô não se demora.

Manoel Congo volta para a tenda dos ferreiros, no canto oposto do palco.

ADÃO – Ah, por que eu tenho que ir para o mato com a minha família ouvindo o papo de um que se diz Rei?

AFONSO – Que é isso homem! Manoel é um grande guerreiro, deixa ele ouvir isso e pensar que você é um dedo-duro traidor... Ele corta a tua cabeça.

Ouve-se a batida de martelos. No canto oposto do palco estão os ferreiros.

MANUEL CONGO – Essa aqui vai para a nossa bagagem, não vejo a hora de ver as nossas roças de milho e feijão.

PAI REBOLO – Agora é só esperar, nosso tempo chega daqui a uma lua.

MIGUEL VIADO – Falta pouco...

Manoel vê o feitor chegando, se assusta e esconde rápido a ferramenta.

FEITOR – Manoel, cadê as ferramentas?

MANOEL CONGO – Ainda não tá pronto.

FEITOR – Nego mole, se a tua cambada te chama de Rei, pra mim tu é nada, é um preguiçoso sem vergonha. Só vai parar de trabalhar quando terminar de fazer tudo.

MANOEL CONGO (com dignidade) – O sinhô gosta da ferramenta bem-feita, demora prá fazer.

FEITOR – Não quero saber de desculpas. Rei, ah tem graça, nego safado (sai xingando). E aquela Emília, tentação, vô agarrá aquela lá nem que seja a força!

Vai anoitecendo, o pessoal volta do trabalho em meio a cantorias, há a contagem, a reza da Ave-Maria e a entrega das ferramentas.

FEITOR – Atenção todos! À forma! 2, 10, 20, 30, 50, 100, 150, 200.

TODOS – Ave Maria cheia de graça, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus,  
Santa Maria mãe de Deus, agora e na hora de nossa morte, amém.

Todos se recolhem, escurece, barulho de grilos. Aí se vê Manoel passando para sua senzala. Acendendo o cachimbo, ele olha para a noite. Chega Mariana.

## **Plano Sobrenatural**

Ouve-se a voz da Força no escuro.

A FORÇA – A lua vem quebrar o manto negro da noite, noite que traz melancolia e reflexão.

Então acende um foco de luz na mesa do jogo e ela continua a falar, agora dirigindo-se ao Preto Velho:

A FORÇA – Mas a lua, velho, também é perigosa, quando cheia, deixa a gente ansioso, é possível se cometer loucuras – e novamente fala de forma reflexiva – A lua é a rainha da noite (mexe com a peça da lua).

PRETO VELHO – Mas eu também tenho uma rainha, Mariana é uma mulher tihosa e vai saber tirar proveito dessa lua (mexe com a peça de Mariana).

MARIANA – Manoel, tá olhando pra lua, meu Pai?

MANOEL – Eu tô é quase pegando você e fugino por esses mato. Não aguento mais. Aquele feitô não tira o olho de nós. Aquele praga dos inferno!

MARIANA – Então ouve o que eu vou falar: eu escutei, lá na sala, que na semana que vem o Capitão vai pra Corte comprá mais escravo. Vai ele mais o feitor e fica só o administrador e as sinhás.

MANOEL – Que notícia! Sendo assim, nesse domingo, a gente fala com todo o pessoal. Pai Rebollo bem vai gostar disso!

MARIANA – Agora vem pro quarto, a gente pode ver a lua de lá.

## **Cena IV – Domingo de Caxambu**

Amanhece. Começa um murmurinho dos preparativos para uma batucada. Vêm chegando aos poucos todos os escravos.

RITA – Onde é que tá o Afonso com a cachaça? Esse Domingo vai sê pra esquentá as carne!!

JOSÉ CIDADE (Capataz) – Ele disse que vai demorar porque quer colher ainda um saco de milho da roça dele, mas disse que chega antes do sol baixá.

RITA – É bom que não se demore, Caxambu sem *ngoma*<sup>7</sup> de Afonso não presta!

Batendo palmas, cantarolando, brincando e conversando, os escravos se juntam no terreiro. Joana começa a se destacar com sua dança e uma roda se forma à sua volta.

JULIÃO QUISSAMÃ – Vai Miguel, vai dançar com a tua mulher, mostra que preto homi também é bom no Caxambu! – diz um dos escravos que forma a roda, instigando o Miguel a acompanhá-la na dança. Miguel vai ao encontro de Joana no centro da roda.

Ao dançar, o casal se toca, brincando e flertando. O pessoal na roda bate palmas, ri e solta urros, animando os dançarinos. Um dos Escravos se empolga além dos demais. O casal vai deixando o centro, se chegando para junto dos outros na roda. O escravo que já se destacava vai ao centro exibir sua dança, acompanhado dos gritos e palmas de todo o pessoal (entra música mais rápida: “quebra tudo!”). Depois desse escravo, vem outro, que, após dançar sozinho, chama uma parceira para acompanhá-lo. Da janela, a sinhazinha curiosa acompanha o folguedo.

A roda se fecha. Começa a música de louvação à Rainha e Mariana vai ao centro da roda.

JULIÃO QUISSAMÃ – Salve a Rainha!

TODOS – Salve!!

Inicia uma música mais introspectiva e Mariana se junta aos outros. Pai Ignácio Rebolo vai ao centro da roda com uma dança bonita e calma (a roda volta à formação de semicírculo). Aos poucos, o velho dá sinais de incorporação. Uma escrava puxa um canto e toda agente responde em coro:

Da roda vai ao centro, vai Ignácio  
Do centro venha à roda, Pai Rebolo

RITA – Presta tenção, muleque, óia a mironga no Caxambú! – fala a enfermeira para umas crianças que estavam se implicando.

O pessoal na roda fica mais sério, mas ainda vibrante. As palmas ficam bem ritmadas. O som se concentra. Emília, a mulher de Camillo, está flertando com o feitor num canto, fora da roda.

---

<sup>7</sup> Palavra que designa tambor em quase todas as línguas bantós (v. Slenes, 1999).

## **Plano Sobrenatural**

A FORÇA – Minha vez! Eu ando com o sol... para ele clarear esse terreiro!

PRETO VELHO – Eu ando com o velho Inácio Rebolo em direção a esse sol, Dona!

A FORÇA – Pois se você se distraí, velho, eu ando com a Honra, o orgulho que desperta a contradição da tua gente...

Camillo nota que a sua mulher, Emília, está flertando com o Feitor. Revoltado, puxa a mulher pelo braço e começa a gritar fazendo com a que a música pare e todos se voltem para saber o que está acontecendo. A sinhazinha assustada se recolhe.

CAMILLO SAPATEIRO – Qué que tu tá pensando, mulher?!?!

EMÍLIA CONGA – Mas eu tava só conversano...

CAMILLO SAPATEIRO – Não minta mulher, tu é minha e não vai me desonrar. – Camillo ameaça agredi-la, mas ouve a voz autoritária do Feitor.

FEITOR – Larga a Emília, Camillo!

CAMILLO SAPATEIRO – Não te mete, Feitor, o ajuste é entre ela e eu. Quem responde por isso aqui é ela, que bem merece é levar pancada.

FEITOR – Não, Camillo, o teu ajuste é comigo e não vai pôr a mão nessa mulher, que nem casada contigo é – o Feitor puxa o mango do chicote.

CAMILLO SAPATEIRO – Num somo casado pela tua lei, mas toda a gente aqui sabe que ela é minha mulher, e já falei que bem merece é levar pancada!

FEITOR – Quem vai levar pancada aqui é você, seu teimoso – o feitor dá uma pancada com o cabo nas costas do Escravo.

O clima fica tenso e um grupo de escravos corre em direção à casa grande para pedir ajuda ao administrador da fazenda. Camillo revida contra o feitor com golpes, lançando as pernas com força e movendo o corpo com rapidez e flexibilidade. Nesse momento, chega o Administrador que, junto com os outros escravos, aparta a briga.

FEITOR – Espera que a hora do castigo vai ser de esquentar esse teu couro! Quero ver essa valentia defronte ao tronco – urra o feitor em tom de ameaça, segurado pelo Administrador. Ameaça logo devolvida pelo Escravo:

CAMILLO SAPATEIRO – Tu é que tem que abrir os óio, pra num vê teus miólu espaiadu nas bananeira...

ADMINISTRADOR – Acabem já com isso! O domingo acabou. Todos para dentro!! – grita o Administrador, que pega a chave com o feitor e vai fechando os escravos nas senzalas.

Antes de fechar a porta do último cubículo, um dos escravos pede ao Administrador:

MANOEL CONGO – Ô seu Brandão, o fogo aqui da minha senzala apagou, posso pedir ao parceiro Miguel aqui do lado?

ADMINISTRADOR – Pode, mas rápido...

O administrador abre o cubículo ao lado, já fechado, e Manoel chama pelo seu parceiro, que bota a cabeça para fora da senzala. Enquanto isso, o Administrador vai em direção ao Feitor, como se fosse pedir esclarecimentos.

MANOEL CONGO – Miguel! Me dá um tição de fogo que o meu apagou?!

Miguel Viado vai para dentro de seu quarto e pega um tição de fogo para o parceiro que, ao recebê-lo, avisa em surdina:

MANOEL CONGO – Escuta... o Epifânio Moçambique já acertou com Pai Rebolo, vai ter um encontro hoje no cafezal quando a lua tiver alta. Fique atento ao chamado.

ADMINISTRADOR – Que que é que tão de cochicho? Já pegou o teu fogo? Então anda logo para dentro, que a minha paciência já acabou.

MANOEL CONGO – Sim, sinhô ...

## **Cena V – Reunião de cúpula: os líderes da Insurreição**

### **Plano Sobrenatural**

PRETO VELHO – A hora dessa gente há de chegar, ocê vai ver, Dona... Tá na hora de andar com a magia do Ferreiro. E essa é a minha escolha – o Preto Velho anda com a peça do Ferreiro.

A FORÇA – Até que enfim uma boa jogada, velho!

Anoitece. Manoel Congo sai por um buraco na parede de seu quarto e dá o sinal na porta do quarto de Miguel Viado e de Pai Rebolo (com um chocalho). Logo em seguida, esses dois saem de seus cubículos e encontram Manoel Congo. Seguem juntos para a mata onde encontram Epifânio, que, sentado, esperava pitando o seu cachimbo.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – E então? Vai sê mesmo essa a nossa última reunião? Chegou a hora?

PAI REBOLO – Quase. É preciso ainda esperar alguns dias para a lua descer, assim a gente tem o clarão, mas também se protege. É garantido, vai ficar todo mundo invisíve.

MANOEL CONGO – E tem uma nova que Mariana me contou: o senhor vai viajá na próxima semana, assim a gente ganha mais tempo.

PAI REBOLO – Tudo certo. Quando a lua baixá, vai ser a época da viagem do senhor. O momento certo vai chegar, temos que ficar atentos.

MIGUEL VIADO – Como é, Moçambique, já arrumou o resto da pólvora?

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Cunsigui mais três lata de póvora cum seu Joaquim. Aquele português mão de vaca! Foi um custo pra cunsigui arrancá as três lata.

MIGUEL VIADO – Mariana e Joana já cuidaram das roupas, já temos pra mais de quarenta caixas com as roupas novas; o toucinho não é muito, mas é de boa qualidade, vai aguentá bem a viagem.

MANOEL CONGO – Já temos as armas e, além da pólvora, um tanto em chumbo.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – E as ferramenta?

MANOEL CONGO – O Pai Cabinda já me disse que pra ele juntar as ferramentas dos carpinteiros não vai ser difícil, mas já pra pegá a foice e o martelo vamo tê que arrombá o paiol. Já combinei com Ambrósio e ele vai tomá conta dessa parte.

PAI REBOLO – Então, Epifânio, avise a gente do Avellar que, quando a lua baixá será o tempo da fuga. Agora vamos.

## **Cena VI – Amanhece**

Já em forma, os escravos terminam a Ave-Maria.

TODOS – Ave Maria cheia de graça, bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.  
Santa Maria mãe de Deus, agora e na hora de nossa morte, amém.

FEITOR – Atenção, hoje o pessoal do eito vai todo cobrir o morro da Paca. Pro resto, o serviço é o mesmo de ontem.

E olhando para Camillo Sapateiro, que estava à sua frente, anuncia:

FEITOR – Hoje, seu sapateiro, você vai é pegar na enxada – entrega uma enxada à Camillo de forma agressiva.

CAMILLO SAPATEIRO – Ah, era só o que faltava! Eu quero ver quem é que vai me botar na roça!

FEITOR – Eu vou fazer você abaixar esse tom e engolir essa sua língua, seu filho da...

Os dois começam a brigar. Tendo a enxada nas mãos, Camillo cai.

FEITOR – Agora tá na hora de você engolir essa língua – começa a chicoteá-lo com violência. Cadê a valentia? Quero ver você engolir a língua! Anda, engole!

Camillo para de gemer, perdendo as forças. Emília, sua mulher, vai ao encontro do corpo do marido e grita fitando o feitor:

EMÍLIA CONGA – Assassino! Você matou o meu marido!

FEITOR – Negro não morre, se acaba – fala cuspidando para o lado.

Toda a gente grita, acompanhando Emília, afrontando o feitor. Este, sem perder tempo, urra de forma ameaçadora:

FEITOR – Ah! Que beleza! Vão tudo querer morrer de língua virada também? Chega de conversa! – dando chicotadas no chão e em alguns escravos mais próximos – Prá roça! Todo mundo, anda! Prá roça! – e se dirigindo para um grupo de mulheres ordena: – E vocês, prá cozinha! Eu vou ficar de olho em vocês.

Os escravos se retiram revoltados. Dois deles levam o corpo de Camillo para fora do palco. Manoel Congo e Ignácio Rebolo entram no palco como se estivessem de passagem.

MANOEL CONGO – Pai, a gente tá toda fora de controle. Tá tudo revoltado com a morte do sapateiro. Tão querendo fugir hoje mesmo, senão ameaçam matar o Senhor.

PAI REBOLO – É melhor agirmos. Não vai dar para segurar a revolta de tanta gente. É isso, Manoel, vamo tê que fazê a fuga hoje à noite.

MANOEL CONGO – Deixa comigo, meu Pai. Posso sentir meu peito se encher. Vou falar com o pessoal na roça. Só não sei como fazer para falar com o pessoal de dentro. Se não der tempo de combinar com a mulheres da cozinha, a gente arranca elas lá do jeito que for!

PAI REBOLO – Vou dar um jeito de mandar avisar Epifânio na Fazenda do Avellar.

MANOEL CONGO – É só a noite cair e a gente foge.

Manoel Congo e Ignácio Rebolo saem e o palco fica vazio. Anositece.

## PARTE II – FUGA E PRISÃO

### Cena VII – À noite - fuga

Manoel Congo sai de sua senzala pelo buraco e novamente dá o sinal para chamar seus parceiros (chocalho). Eles se dirigem para o cafezal para uma última reunião antes da fuga.

MANOEL CONGO – Temos que acertar os últimos detalhes, rápido.

PAI REBOLO – Lembrem-se, a caminhada será dura. A mata é fechada e se isso dificulta a fuga de toda a gente, deixa um rastro claro pros brancos.

MANOEL CONGO – Fique tranquilo, meu Pai. Nosso plano não há de falhá. Se fugirmos em dois grupos, confundimos os brancos. Eu levo a metade do bando pelas mata de Santa Catarina, passando pela serra da Taquara e da Estrela, e o Moçambique vai com os outros em direção à serra do Couto, pros lados de Pilar.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Mas tudo qué fugi com ocê que é o Rei.

MANOEL CONGO – Ah! Isso é coisa de candongueiro. Todo mundo conhece a sua coragem, Epifânio. Mas, para não haver problema, Pai Inácio te acompanha.

MIGUEL VIADO – Pedro Cabinda já combinou com mais dois outros para dirigir a picada. Diga, Epifânio, quem irá abrir as picadas no seu bando?

MANOEL CONGO – Boa lembrança, Miguel. A fuga deve seguir o planejado. Três homens ligeiro devem seguir adiante do grupo, abrindo o caminho na mata, facilitando a passagem dos velho e das criança.

EPIFÂNIO MOÇAMBIQUE – Eu mesmo vô dirigi a picada, enquanto Pai Inácio fica com o grupo maió. Então tá certo, eu vou buscá o pessoal lá na fazenda do Avellar enquanto ocê junta o pessoal daqui e a gente se encontra na mata da Maravilha.

MANOEL CONGO – Exato, Epifânio. Arrombamos o paiol da Maravilha logo antes de partir, lá tem muito fubá e farinha, além de ferramentas.

PAI REBOLO – É importante lembrar toda a gente de que não será preciso apenas coragem para essa fuga, mas força e trabalho também. Precisaremos de homens para carregar as caixas de provisões e ferramentas, que são muitas. De pessoas para colher frutas e palmito no caminho, ou caçar algum bicho para ajudar na comida.

MIGUEL VIADO – Certamente, meu Pai. Teremos que improvisar ranchos para abrigar todos à noite.

MANOEL CONGO – Então é isso. Epifânio junta a gente do Avellar. Pai Rebolo vem comigo chamar o pessoal da Freguesia. Você leva o pessoal da senzala pra pedra do Tourão e eu vou buscar o resto do pessoal com Miguel, lá na cozinha, seguindo depois, sem perder tempo, para Maravilha, onde encontramos o Epifânio. Lá, arrombamo o paiol e partimo pro mato, prá encontrar Pai Ignácio no Tourão. Dividimo o bando em dois grupo e partimo. Quando a lua tiver cheia, já devemo tá chegando no lugar do quilombo.

TODOS – Certo!

Cada um sai para um lado. De um dos lados do palco sai um grupo de escravos seguindo Miguel Viado, em fuga. Atravessam o palco. Em direção oposta corre um grupo de três ou quatro e um deles fala:

CAMUTO MOÇAMBIQUE – Tá cu'a ferramenta para arrombá o armazém?

JULIÃO QUISSAMÃ – Tá na mão!

O grupo segue para fora de cena. Ouve-se o estrondo do armazém sendo arrombado. Outro grupo de escravos passa correndo pelo palco. Outros chegam ao meio do palco, olham para os lados e pulam do palco, correndo através do público.

### **Cena VIII – Fuga na cozinha**

Entram Manoel Congo, José Cidade e Miguel Viado em cena carregando uma escada e a apoiando na janela da casa grande. Manoel sobe a escada.

MANOEL CONGO – Mariana, Mariana!

BALBINA – O que foi, meu pai? O que está acontecendo?

MANOEL CONGO – Balbina, chama as mulheres, vamo tudo pro mato.

MARIANA – O que cê tá falando homem? O Capitão não viajou, ele tá na vivenda.

MANOEL CONGO – Agora não dá mais, os homens estão fora de controle, tudo revoltado com o feitor. A maioria já fugiu.

Aparece um grupo de mulheres.

JOSEFA – Se meu Rei chama, então eu vou – e começa a descer a escada.

JOSÉ CIDADE – Desce logo, Lourença!

BRÍSIDA – Isso é loucura! O que é isso, não vá, Lourença.

LOURENÇA – Mas é meu marido, eu tenho que ir – desce a escada acompanhada de outras duas.

MANOEL CONGO – Vamo logo, desçam!

BRÍSIDA – Eu não vou, tenho medo.

MANOEL CONGO – Vai sim, mulher, se não vai pagar por todo mundo quando o senhor descobrir a fuga – ameaçando com a arma.

BRÍSIDA – Virgem santíssima, me proteja! – e desce a escrava.

MANOEL CONGO – Tem mais alguém aí?

Chega Emília.

MARIANA – Emília, você está bem?

EMÍLIA – Aquele Jacques feitor, além de matar meu marido, me desgraçou. Agora tá lá dormindo, bêbado que nem um porco. Quero ver ele se explicar amanhã pro senhor.

MANOEL CONGO – Vamos Emília, coragem, já tá todo mundo no mato.

O feitor levanta-se ainda tonto e vê Emília descendo a escada.

JACQUES – Emília! Qué que tu tá fazendo aqui Manoel?!

MANOEL CONGO – Ah, seu diabo, melhor que não tivesse visto o que viu. Agora vou ter que te arrancar a língua ou a vida ... – ameaçando com a arma que, em seguida, com um rápido golpe de Jacques, é atirada pela janela. Luta corporal. Manoel Congo dá uma pancada na cabeça de Jacques, que cai desfalecido. Manoel desce a escada indo ao encontro dos outros.

MANOEL CONGO – Vamos, minha Rainha, chegou a hora da luta. Toma a tua faca – entregando a faca da Rainha.

MARIANA – Vou lutar meu Rei, vou lutar com minha alma!

Saem todos correndo, levando a escada para fora do palco. Chega o administrador na cozinha e encontra Jacques caído.

ADMINISTRADOR – Jacques, Jacques!

JACQUES – Fugiram todos, vai rápido avisar o senhor.

ADMINISTRADOR – Como assim fugiram? Levanta logo que quem vai explicar essa história pro senhor é você.

Saem os dois da cozinha.

### **Cena IX – Brancos na casa de vivenda**

Fecha a cortina. No proscênio: interior da vivenda. Entram as mulheres da casa grande andando de um lado para o outro aflitas.

SINHÁ – Só de pensar no que aconteceu, sinto tanto medo que me dá tremedeira.

VIZINHA – Ouvi dizer histórias terríveis de vingança.

SINHAZINHA – Ouviu dizer o quê?

VIZINHA – Coisas terríveis! Fazendas incendiadas, crianças desaparecidas.

SINHÁ – Que é isso comadre? Não assusta a menina assim. Deus há de colocar tudo no lugar, dar a esses negros o que eles bem merecem.

SENHOR – Sobre o que conversam?

VIZINHA – Sobre o medo, esse terror que ronda nossas casas.

SENHOR – Rezem, minhas senhoras. Rezem que é a melhor coisa que vocês fazem. Já estou cuidando de tudo. Já mandei avisar o Juiz de Paz em Paty do Alferes, o senhor José Pinheiro de Souza Wernek não há de demorar em mandar a Guarda Nacional. Reaverei cabeça por cabeça até contar novamente todas as quinhentas que tinham as duas fazendas. E depois encontrarei um responsável para dar o exemplo na forca.

Vem marchando a Guarda, junto com pedestres e lavradores locais. Saem as mulheres pelo proscênio. Abre a cortina com a guarda chegando.

CORONEL LACERDA WERNEK – Salve, Capitão-Mor. Aqui está o destacamento de 160 homens da Guarda Nacional, contando com o auxílio de outros tantos pedestres, lavradores e agregados da região, prontos para a missão.

CAPITÃO – Fico feliz que pudemos passar por cima dos trâmites burocráticos visto a gravidade da situação. Voltando-se para a Guarda explica:

– Esta missão não será nada fácil. Na noite do dia 5 de novembro, isto é, já se foi quase uma semana, cerca de 80 escravos fugiram de uma das minhas fazendas, a Fazenda da Freguesia. No entanto, o que pensávamos ser uma simples fuga se mostrou ser uma verdadeira Insurreição. Os fugitivos rumaram para a minha outra fazenda, a da Maravilha e, juntando-se com os cativos de lá, arrombaram paióis e casas de vivenda, além de atentarem contra a vida do feitor. Ao que parece, seguiram todos para a mata, juntando-se ainda com os escravos de Paulo Gomes Ribeiro de Avellar. Estima-se um grupo de cerca de 400 cativos em fuga pelas matas.

CORONEL LACERDA WERNEK – Pois bem, Capitão. Atenção, tropa! As colunas à esquerda estarão sob o comando do intrépido major Jordão e do corajoso inspetor de quartirão João Borges Damasceno. Vocês explorarão as matas à direita da estrada de Santa Catarina. As colunas à direita, sob o comando do digno tenente coronel Avellar, virão comigo para explorar o lado oposto. Faremos a junção da tropa na pedra do Silveira. Agora vamos.

Cada metade da tropa sai por um lado do palco, pelo proscênio, fechando-se a cortina por trás. Mudança do cenário: saem a senzala e a casa de vivenda. O palco fica todo como mata.

### **Plano Sobrenatural**

A FORÇA – Agora você vai ter que enfrentar o ódio dessa gente, que já encontrou o rastro do teu pessoal no mato.

PRETO VELHO – Vou mexer com a minha peça mais valiosa. Pai Rebolo vai dar um jeito nisso.

A FORÇA – Já é a segunda vez que você mexe com essa peça.

PRETO VELHO – Mas vale a pena.

### **Cena X – Mato**

Abre a cortina, estão todos os escravos em forma.

MANOEL CONGO – Atenção todos! À forma! 2, 10, 20, 30, 50, 100, 150, 200. Eu não vou enganar ninguém. A gente só vai poder parar uma vez, à noite. As criança devem ser carregada para aumentar o ritmo da marcha, pois devemos atravessar a mata de Santa Catarina o quanto antes. Todo dia vai ter contagem, eu não quero saber de ninguém fugindo. Agora que tamo aqui, temos que ir até o final. A primeira picada já tá aberta, vamo, não podemos perder tempo – aparece Epifânio de sobressalto – Epifânio, o que você está fazendo aqui? Você não devia estar guiando o pessoal na serra do Couto?

EPIFÂNIO – Não, meu Rei. Pai Rebolo teve uma visão, mandou que eu viesse para cá. Ele mesmo está guiando o pessoal no Couto – fala com um ar assustado.

MANOEL CONGO – O que foi que ele viu?

EPIFÂNIO – Não sei, meu pai. Só pediu que tivéssemos pressa.

Saem todos. Fecha a cortina.

### **Cena XI – Busca no mato**

No proscênio, a Guarda marcha em busca dos fugitivos. Quando param, o Coronel lê uma notificação em voz alta, entregando-a em seguida ao pedestre para levá-la ao Capitão-Mor.

CORONEL LACERDA WERNEK – “A nossa divisão, tomando o lado do nascente, apenas ganhou a cabeça do monte e encontrou o grande trilho dos escravos. Abaixo deste monte, foram encontrados trinta e três ranchos onde haviam pernoitado a primeira noite. Seguimos sua picada e, em meio do serrote que serve de encosto à Pedra do Silveira, outro lugar onde haviam dormido. Montamos o serrote e caímos na garganta da referida pedra, cujo trânsito difícil vencemos em meia hora. Ali nos unimos à coluna da esquerda que nada havia encontrado. Ganhamos o córrego que recebe as águas desta grande rocha e, no extremo direito dela, outro acampamento, com alguns tições de fogo. Às três horas da tarde, outro acampamento, mas uma marcha seguida de oito horas por escarpados montes começava a fatigar grande parte da tropa. Já é possível concluir, portanto, que a direção do bando é a serra das Araras”. Pronto. Leve isso ao Capitão-Mor imediatamente.

### **Plano Sobrenatural**

A Força e o Preto Velho estão cochilando e o Preto Velho deixa o cachimbo cair no chão. Só a Força acorda com o barulho e fala:

A FORÇA – Ah, velho, como você diz: se cochila, o cachimbo cai. E, pelo visto, esse jogo já acabou. Já é muito tarde.

A Força recolhe as suas peças, se levanta e antes de sair constata:

A FORÇA – A noite hoje cai mais cedo, acompanhada de uma grande tempestade... Tem coisas que eu até posso fazer, mas esta jogada não foi minha.

O Preto Velho fica ali cochilando e só sai do palco quando a luz apaga, voltando à cena principal

### **Cena XII – Luta e prisão**

Abre a cortina. A guarda está descansando no mato, quando um soldado vem alertar o Coronel:

SOLDADO 1 – Senhor, ouvimos golpes de machado. Conseguimos alcançá-los!

CORONEL – Atenção, guarda! Peguem suas armas e vamos pegar aqueles malditos!

SOLDADO 2 – Desculpe, coronel, mas nossa tropa está exausta. Andamos mais de oito horas e já vai escurecer. O senhor não acha melhor...

CORONEL – Eu dou as ordens aqui e repito: peguem suas armas, porque esse quilombo não passa de hoje.

Do outro lado do palco, uma sentinela dos fugitivos corre para avisar ao bando:

QUILOMBOLA 1 – Peguem as armas, eles vêm aí, peguem as armas!

Correria total. Logo ouvem-se rajadas de tiros e vários quilombolas caem no chão.

CORONEL – Alto! Atirem nas pernas! Nas pernas!

Lutas corporais. Mariana é agarrada.

MARIANA – Morrer sim, se entregar, não! – grita com desespero.

Ouvem-se gritos, gemidos, a luz fica vermelha e logo escurece, com o barulho de trovoadas.

Todos saem do palco.

## **Narração – veredicto do júri**

Entra o Narrador, que conclui com um ar solene:

NARRADOR – No começo do ano seguinte, em janeiro de 1839, foi iniciado o julgamento. Para o crime de homicídio, apenas um dos escravos foi indiciado, julgado e condenado. Era o escravo Manoel Congo, posteriormente sentenciado à pena de morte por enforcamento. Quanto ao crime de insurreição, além de Manoel Congo, foram julgados quinze cativos. Destes, oito seriam absolvidos, enquanto os outros sete foram condenados a 650 açoites a cada um, dados 50 por dia na forma da lei. E também a andarem três anos com gonzo de ferro ao pescoço. No início de setembro de 1839, passado pouco menos de um ano da ocorrência daquela sublevação, Manuel Congo foi enforcado na vila de Vassouras.<sup>8</sup>

Aparece a forca pendurada, com luz vermelha sobre a mata.

O narrador, enquanto a forca ocupa a cena, permanece em silêncio. Logo a seguir, indaga:

NARRADOR – É engraçado. Há sempre uma parte da história que fica por ser contada. Se a metade do bando foi presa na mata de Santa Catarina, não se teve notícias da outra metade, a que seguiu para a Serra do Couto. Fico aqui pensando na visão que teve Pai Rebolo e no lugar para onde ele levou toda aquela gente.

**FIM**

---

<sup>8</sup> Esta fala constitui parte do texto de “As raízes do efêmero”: comunidade e cultura escrava na insurreição quilombola de Vassouras, capítulo do livro *Histórias de Quilombolas* de Flávio dos Santos Gomes.

## INSURREIÇÃO TROCADA EM MIÚDOS: VERBETES

Algumas questões e temas são sugeridos que podem ser adaptados em atividades pelos professores, junto à bibliografia indicada, de acordo com as necessidades e possibilidades do grupo. A seguir, um conjunto de verbetes para suporte a discussões temáticas que podem ser associadas às cenas e a algumas propostas fundamentais dentro da trama, com indicação leituras para cada tema.

### O Vale do Paraíba no Império do Brasil

Muitos estudos enfatizam que, de finais do século XVIII até cerca de 1830, a região do Vale do Paraíba sul-fluminense se caracterizou mais como um caminho para as Minas do que um importante foco de desenvolvimento agrícola, tal como veio a ser nas décadas que se seguiram. Se atualmente existe um número crescente de pesquisas trazendo à luz a presença indígena e as suas relações com a sociedade colonial antes da implantação da cafeicultura na região,<sup>9</sup> a sua marca histórica, de maior reconhecimento público, foi a da economia do café e do sistema escravista durante o século XIX.<sup>10</sup>

Na segunda metade do século XIX, a região foi uma das maiores produtoras de café do mundo e a maior força econômica do Império do Brasil. Recebeu milhares de pessoas recém-chegadas do continente africano, que passaram a ocupar as senzalas das fazendas e forçadas a um regime de trabalho de grande violência, no sistema de *plantation* para a produção desse ouro negro em pó – o café.

O sistema de *plantation* pressupunha a monocultura voltada para exportação, com base no trabalho escravo e em latifúndios sempre circunscritos a poucas famílias, muitas com tradição ou relações aristocráticas. As fazendas que sediavam esse sistema se encontravam não apenas no Brasil, mas por toda a América escravista. Muitos estudos fazem o exercício de comparar as diferenças de como ele se definiu em diferentes países, tais como Jamaica, Cuba, Haiti e Estados Unidos.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Celestino, 2000; Machado, 2012; Lemos, 2016.

<sup>10</sup> Stein, 1990; Salles, 2008; Muniz, 1979.

<sup>11</sup> Marquese, 2005; Salles e Muaze, 2015; Klein e Vinson III, 2015.

Foi assim que, por volta de 1830, as fazendas na região do interior sul-fluminense receberam um grande contingente de estrangeiros africanos, principalmente da África Centro-Occidental, conhecida como África Banto.<sup>12</sup> Manolo Florentino indica que a África Central Atlântica (incluindo as macrorregiões do Congo, Angola e Bengela) forneceu cerca de 81% de todo o contingente de africanos desembarcado nos portos do Rio de Janeiro no período entre 1795 e 1830. A costa Oriental (que tem como principal referência o atual território de Moçambique) teria participado com cerca de 4,1% do total de escravos antes de 1811, sendo que entre 1811 e 1830 o seu fornecimento atingiu a cifra de 20%, o que significou um aumento expressivo de pessoas com forte relação com o oceano Índico e o mundo islâmico. Apenas 3,2 % dos cativos teriam vindo da costa Ocidental africana (sua maior referência são os atuais países da Nigéria e do Benin), sendo que após 1816 desaparece a referência a tal proveniência de pessoas chegadas do continente africano na região.<sup>13</sup>

Foram esses africanos que constituíram a maioria da população na freguesia de Paty do Alferes, antiga comarca de Vassouras. Ainda nos primeiros anos de implantação desse sistema de *plantation* na região, um grupo de mais de 400 desses estrangeiros centro-africanos e seus descendentes, submetidos ao trabalho escravo em três fazendas, se mobilizaram para a tentativa de uma fuga altamente organizada e planejada, que ocorreu no ano de 1838. O intuito era fugir do sistema opressor ao qual se viam submetidos e tentar uma nova vida em comunidade, internados nas matas, com a formação de um quilombo.

## Referências

Celestino, Maria Regina. *Os Índios Aldeados no Rio de Janeiro Colonial - Novos Súditos Cristãos do Império Português*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Florentino, Manolo. *Em Costas Negras: uma história do tráfico atlântico de escravos*

---

<sup>12</sup> Slenes, 1999.

<sup>13</sup> Florentino, 1995; Karash, 2000.

- entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- Karash, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 – apêndice.
- Klein, Herbert S.; Vinson III, Ben. *A escravidão Africana na América Latina e Caribe*. Brasília: Editora UnB, 2015.
- Lemos, Marcelo Sant’Ana. *O índio virou pó de café? Resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba*. São Paulo: Paco Editorial, 2016.
- Machado, Marina M. *Entre fronteiras: posses de terras indígenas nos sertões*. Rio de Janeiro, 1790-1824. Niterói: EDUFF, 2012.
- Marquese, Rafael. Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830-1860. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*. vol.13 (2) 2005.
- Muniz, Célia M. Loureiro. *Os donos da terra*. Um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense – século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979.
- Salles, Ricardo. *E o Vale era o escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- Salles, Ricardo; Muaze, Mariana. *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil no Quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2015.
- Slenes, Robert. “*Malungu, ngoma vem!*” África encoberta e descoberta no Brasil. Luanda: Museu Nacional da Escravatura, 1995.

\_\_\_\_\_. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Stein, Stanley J. *Vassouras. Um Município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

### **Personagens: protagonistas no coletivo**

O fio condutor da trama de *Insurreição* é a relação das lideranças que planejaram a fuga e foram identificadas nos interrogatórios policiais com uma dimensão invisível e espiritual na qual residem seus ancestrais, que é inteiramente ficcional e ocorre em um plano paralelo à trama terrena baseada nos documentos históricos.

A ênfase, contudo, é em um protagonismo coletivo – da própria “Comunidade Escrava”:<sup>14</sup> um grupo de escravizados das Fazendas da Maravilha, da Freguesia e do Avellar carrega o protagonismo das cenas marcadas pelo ritmo de sua vida cotidiana, pelas bases que permitiram a organização do levante, pela articulação dessas pessoas dentro de cada fazenda e entre seus espaços-territórios.

Na peça, a Comunidade Escrava é um coletivo que está integrado ao mundo dos espíritos de seus ancestrais e à própria natureza, constituindo diferentes planos de existência e da relação entre eles. Dessa integração é que surge força para a mobilização e a coesão que possibilitam um plano de fuga incluindo tantas pessoas ao mesmo tempo.

Nesse caso, vale notar como a definição de uma classe social pode ser pensada a partir de seu processo de formação<sup>15</sup> e, ainda, a partir de princípios que lhes são próprios, como a integração da dimensão religiosa na vida cotidiana social e política.<sup>16</sup>

### Referências

---

<sup>14</sup> Gomes, 1995; Mattos, 1995; Florentino e Góes, 1997; Slenes, 1999.

<sup>15</sup> Thompson, 1998.

<sup>16</sup> Slenes, 2016; Charkrabarty, 1997; Cardoso, 2008.

Agostini, Camilla. Entre senzalas e quilombos: “comunidades do mato” em Vassouras do oitocentos. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M.X. (Org.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul*. Cultura Material, Discursos e Práticas. Buenos Aires: Ed. Del Tridente, 2002.

Cardoso, Luís Antônio. O Conceito de racionalização no pensamento social de Max Weber: entre a ambiguidade e a dualidade. *Teoria e Sociedade*. Belo Horizonte, No. 16.1, 2008.

Florentino, Manolo; Góes, José R. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico Atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790-1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Gomes, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Mattos, Hebe. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Slenes, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Árvore de Nsanda Transplantada: cultos Kongo de Aflição e Identidade Escrava no Sudeste Brasileiro (Século XIX)*. In: LIBBY, Douglas Cole;

Furtado, Júnia (Org.). *Trabalho Livre, Trabalho Escravo: Brasil e Europa, Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2006.

Thompson, Edward P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## **O trabalho com documentos: processo criminal, inventário e personagens históricos**

Além de se fundamentar em pesquisas históricas sobre a região e sobre a sublevação, o roteiro da peça *Insurreição* se baseou em documentos manuscritos da época que trazem relatos sobre o que se passou e a presença daqueles que estiveram envolvidos, junto com seus nomes e falas submetidas a interrogatórios policiais.

Um documento gerado pela ação de coerção e controle das autoridades policiais é o processo criminal que foi iniciado depois que parte do grupo foi encontrada em fuga nas matas e presa. Ainda que fundada numa ação de violência, trata-se de uma fonte que traz as falas dessas pessoas, em interrogatórios, entre as de outras testemunhas, tais como vizinhos, trabalhadores agregados não-escravos, feitores e os próprios senhores. É possível encontrar brechas nas respostas às perguntas dos policiais, que contam aspectos da vida daquelas pessoas para além do crime de fuga e de sublevação, que era o interesse no inquérito. São pequenas frestas pelas quais se pode tentar uma aproximação à experiência cotidiana para além daquela situação de fuga e aprisionamento.<sup>17</sup>

Outra fonte disponível em arquivos são os inventários, muitas vezes anexados aos testamentos daqueles que tinham posses e patrimônios a serem transferidos após sua morte. Os inventários de senhores de escravos e terras os trazem descritos. Nesses documentos, muitas vezes, é possível encontrar os nomes, as profissões, as idades, os lugares de origem, as relações familiares, as doenças adquiridas dos africanos e afrodescendentes escravizados em suas fazendas, bem como a definição de sua propriedade e da sua transmissão ao longo do tempo.

A história de Manoel Congo, Pai Ignácio Rebollo, Miguel, Epifânio Moçambique, Mariana Crioula, Rita Crioula, Emília Conga, Joana Mofumbe, Lourença Crioula, Balbina Conga, Brísida Crioula, Josefa Angola, Camillo Sapateiro, José Cidade, Afonso Angola, Adão Benguela, Camuto Moçambique, Julião Quissamã pode ser contada hoje e seus nomes serem lembrados sobre um palco ou em espaços públicos graças a esses documentos. Essas foram as pessoas que conseguimos incluir no roteiro de *Insurreição*,

---

<sup>17</sup> Ginzburg, 1990/1991.

dentre as mais de 400 que tentaram a fuga. Em uma capela da antiga Fazenda da Freguesia, em Arcozelo, esses nomes também estão registrados, lembrados e homenageados. Uma visita com os estudantes a esse local durante a produção da peça permite que eles encontrem os personagens e referências de pessoas que realmente existiram e estão ali, cuja memória os fez patrimônio, parte daquele lugar.<sup>18</sup>

Pertencimento e inclusão são palavras caras à população negra no Brasil. Suas genealogias muitas vezes negadas pela História e pela história podem ser estimuladas, problematizadas e acolhidas, junto às histórias de suas famílias e às histórias locais, que podem ser trabalhadas com a ajuda dos professores.<sup>19</sup>

#### Referências

Ginzburg, Carlo. O inquisidor como antropólogo. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. vol.1 (21) 1990/1991.

Souza, Josiane Nazaré Peçanha de. *Nossos passos vêm de longe: o ensino de História para a construção de uma Educação Antirracista e Decolonial na Educação Infantil*. Curitiba: Appris, 2024.

#### **Ferreiro: ofício, liderança e o outro mundo**

Algumas profissões, ofícios ou habilidades são associados de forma mais marcada à relação com espíritos de ancestrais ou domínios de certos fenômenos da natureza. Estudos observaram que, na África Central do tempo do tráfico de escravos, lugar de origem da grande maioria dos africanos vindos para a região sudeste brasileira e, em particular, para o Vale do Paraíba, os ferreiros se destacavam com esse lugar, incluindo, ainda, uma atuação política marcante junto às suas comunidades.

#### Referências

Silva, Juliana Ribeiro da. *Homens de ferro*. Os ferreiros na África Central no século

---

<sup>18</sup> Para maiores informações sobre o local: <http://www.funarte.gov.br/espaco-cultural/aldeia-de-arcozelo/>

<sup>19</sup> Nazaré, 2018.

XIX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2008.

Santana, Jacimara, Souza. *A experiência dos tinyanga, médicos-sacerdotes, ao sul de moçambique: identidades, culturas e relações de poder (c. 1937-1988)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Slenes, Robert. *“Malungu, ngoma vem!” África encoberta e descoberta no Brasil*. Luanda: Museu Nacional da Escravatura, 1995.

\_\_\_\_\_. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Árvore de Nsanda Transplantada: cultos Kongo de Aflição e Identidade Escrava no Sudeste Brasileiro (Século XIX)*. In: LIBBY, Douglas Cole; Furtado, Júnia (Org.). *Trabalho Livre, Trabalho Escravo: Brasil e Europa, Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2006.

Symanski, Luís Cláudio P. e Gomes, Flávio dos Santos. *Rebeliões, ferreiros e cultura material: transcrições escondidas e a materialidade da resistência nas fazendas de café do Vale do Paraíba*. In: Santos, Vanicléia Silva; Symanski, Luís Cláudio e Holl, Augustin. *Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana*. Curitiba: Editora Prismas, 2019.

### **Feitores escravos e feitores africanos**

Não é raro ouvir do grande público afirmações como “os próprios africanos escravizaram africanos”, “Zumbi tinha escravos!”, “africanos também foram feitores”. Se essas expressões não são falsas, são simplificadoras e, nesse sentido, acabam por se tornar equivocadas. Como dito pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie em sua importante palestra disponibilizada na internet *Os perigos da história única*, “o problema dos estereótipos não é que sejam errados, mas porque são incompletos”. O mesmo se pode dizer sobre essas afirmações.

“Africanos escravizaram africanos”? Sim. O problema aqui é a simplificação, em outras palavras, o essencialismo. A começar pela definição “africano”. Ser africano é algo que apenas faz sentido fora do continente “África”. Essas pessoas eram procedentes de formações sócio-políticas tais como grupos semi-nômades, aldeias, cidades-estado, reinos. Identificavam-se ou eram identificadas na dinâmica das redes ligadas ao tráfico de escravos, tais como Bakongo (grupo etnolinguístico), Imbangala (formação sócio-política), Macua (atribuição pejorativa dada por grupo litorâneo a grupo do interior de Moçambique), Cabinda (nome de um porto e território no norte do rio Congo), Majombe (uma categoria de escravo exportado de Malemba, Cabinda e Loango ou uma pessoa da região do rio Ubangi), etc.<sup>20</sup> A dinâmica identitária, em qualquer cultura ou parte do mundo, ainda que em cada contexto e conjuntura tenha as suas especificidades, se expressa com designações de autorreferência ou para identificar o outro de formas variáveis e flexíveis, de maneira que a construção da identidade se faz sempre na relação Eu-Outro.<sup>21</sup>

“Africano”, portanto, foi uma generalização do olhar estrangeiro que chegou a uma terra com pessoas diferentes entre si, mas que, aos olhos imperiais europeus,<sup>22</sup> foram identificados como fenotipicamente semelhantes e transformados numa só *coisa*, que foi marcada por uma impressão e um interesse particular.

O reducionismo desse olhar excluiu os lugares sociais dessas pessoas em suas próprias sociedades, que eram igualmente diversas. Assim, diferentes lugares sociais marcaram diferenças sociais, hierarquias, forças de coesão e conflito, prestígio e subalternidade nas sociedades das quais provinham pessoas que foram escravizadas e enviadas para o outro lado do Atlântico. Muitas dessas sociedades nas grandes regiões da África Central, da África Oriental e da África Ocidental “produziam”, sim, “escravos” de muitas maneiras.<sup>23</sup>

Aqui cabem duas ressalvas. A primeira é a de que os mecanismos de “produção” desse lugar social nas sociedades africanas originalmente não tinham a propulsão capitalista,

---

<sup>20</sup> Ver Apêndice A de Mary Karash, 2000.

<sup>21</sup> Cunha, 1983.

<sup>22</sup> Pratt, 1999.

<sup>23</sup> Almeida, no prelo.

como as das sociedades escravocratas nas Américas que respondiam às demandas de uma Europa industrializada no século XIX. A segunda é a de que essas pessoas escravizadas não estavam subjugadas em suas sociedades de origem a ponto de passarem por um processo de animalização e de seus corpos serem mercantilizados, como era o princípio e o intuito do escravismo nas Américas. Havia diversas formas de dependência, subalternidade ou marginalização fazendo delas *outsiders* ou um estrangeiro, e não apenas uma.<sup>24</sup>

Havia, nas diferentes sociedades ligadas ao comércio atlântico de escravos na África Central, por exemplo, inúmeras palavras para traduzir o que chamamos “escravo”, pela variedade de condições de pertencimento em suas sociedades de origem<sup>25</sup> – assim como um esquimó tem quatorze palavras diferentes para traduzir a cor “branca”. Isso nos aponta para a complexidade do entendimento desse lugar social no âmbito de suas sociedades. Esse mecanismo de “produção” de *outsiders* ou escravizados, com o tempo, foi fortemente impactado pelas demandas comerciais do tráfico transatlântico de escravos. Esse impacto elevou drasticamente os níveis de violência, alterando, inclusive, algumas estruturas internas daquelas sociedades.<sup>26</sup>

“Escravos tinham escravos” no Brasil ou “até Zumbi teve escravos”? Sim. Claramente não eram situações corriqueiras, mas, sim, o sistema escravista no Brasil previa a possibilidade legal de se ter trabalhadores que não eram contratados, mas comprados, até a conquista das leis que marcaram o processo abolicionista: Lei Feijó (1831), Lei Eusébio de Queiroz (1850), Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1885), Lei Áurea (1888).<sup>27</sup>

Vale lembrar o exemplo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (uma irmandade presidida por pretos), no Rio de Janeiro, que possuía em suas dependências senzala para escravos. Durante o processo abolicionista, manteve sua

---

<sup>24</sup> Almeida, 2012, no prelo; Meier e Kopytoff, 1977.

<sup>25</sup> Almeida, 2012, no prelo; Meillassoux, 1995; Meier e Kopytoff, 1977.

<sup>26</sup> Thornton, 2004.

<sup>27</sup> Mattos, 1998; Xavier, 2012.

senzala como esconderijo para pessoas escravizadas em fuga que ali ficavam aguardando a compra da alforria com a ajuda dos Irmãos.<sup>28</sup>

O roteiro de *Insurreição* se baseia nas informações contidas nos documentos que indicam as profissões das pessoas apreendidas. Dentre elas estava Epifânio Moçambique, que era feitor. Epifânio era “escravo” e “africano”. Como feitor, poderia ser alguém da confiança do senhor que, com o domínio da língua e de costumes, talvez estivesse em melhores condições de coordenar tantos estrangeiros chegados a pouco na fazenda. Ainda que essa manobra de controle pelo interesse senhorial possa ter ocorrido, não impediu que Epifânio Moçambique tenha sido um dos líderes da sublevação ao lado de Manoel Congo. Pelo contrário, esse lugar conquistado talvez tenha sido um facilitador para a busca de um caminho de liberdade.

#### Referências

- Agostini, Camilla. *Africanos no cativo e a construção de identidades no além-mar*. Vale do Paraíba, século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campina, Campinas, 2002.
- Almeida, Marcos Abreu Leitão. *Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831-c. 1850)* Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Quebrando o Silêncio. A Longa História da Escravidão no Baixo Congo (1000 a.C. – ca. 1880)*. Petrópolis: Vozes, no prelo.
- Cunha, Manuela Carneiro da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. *O índio e a cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Florentino, Moanolo; Góes, José Roberto. *A paz das senzalas. Famílias escravas e tráfico Atlântico, c. 1790 – 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

---

<sup>28</sup> Relato feito em visita ao Museu do Negro, existente dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no Centro do Rio de Janeiro. O Museu é tombado e aberto à visitação, para maiores informações: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/9077/>

Mattos, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Meillassoux, Claude. *Antropologia da escravidão: o ventre de ferro e dinheiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

Miers, Suzanne; Kopytoff, Igor. *Slavery in Africa: Historical and Anthropological Perspectives*. Madison: University of Wisconsin Press, 1977.

Pratt, Mary Louise. *Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação*. Santa Catarina: Editora EDUSC, 1999.

Slenes, Robert. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil, sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Stein, Stanley J. *Vassouras. Um Município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (1985).

Thornton, John. *África e os africanos na formação do mundo Atlântico. 1400 – 1800*. Editora Campus, 2004.

Xavier, Regina Célia Lima (Org.). *Escravidão e Liberdade. Temas, problemas e perspectivas de análise*. São Paulo: Alameda, 2012.

### **Planos de revolta na região: líderes, sociedade secreta**

É interessante lembrar de outras organizações no seio das chamadas “Comunidades Escravas”<sup>29</sup> que repercutiram em planos de revolta por parte dos estrangeiros africanos e seus descendentes escravizados nas fazendas de café do Vale do Paraíba durante o século XIX.

---

<sup>29</sup> Slenes, 1999; Gomes, 1995; Mattos, 1998; Florentino e Góes, 1995.

Aqui vale a história identificada pelo historiador Robert Slenes sobre um plano de revolta que aconteceu dez anos depois, na região de Vassouras, no ano de 1848. Ao que parece, o plano, com base na coesão do grupo através de uma organização de caráter religioso, foi descoberto pela polícia e desarticulado antes da sublevação acontecer. De toda forma, o caso é outro exemplo dos caminhos encontrados para escapar de um regime de trabalho de exploração e de violência, com base na organização das pessoas e na coesão dos grupos.

## Referências

Florentino, Moanolo; Góes, José Roberto. *A paz das senzalas*. Famílias escravas e tráfico Atlântico, c. 1790 – 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Gomes, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas*. Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Mattos, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Slenes, Robert. “*Malungu, ngoma vem!*” África encoberta e descoberta no Brasil. Luanda: Museu Nacional da Escravatura, 1995.

\_\_\_\_\_, Robert. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_, Robert W. A Árvore de Nsanda Transplantada: cultos Kongo de Aflição e Identidade Escrava no Sudeste Brasileiro (Século XIX). In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia (Org.). *Trabalho Livre, Trabalho Escravo: Brasil e Europa, Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2006.

## **A relação do plano terreno com o outro mundo num jogo de tabuleiro**

Em tempos de crescimento da intolerância religiosa, de violência e práticas discriminativas, esse é um tema delicado a ser abordado nas escolas e, por isso mesmo, importante. A integração do mundo que vivemos com a espiritualidade e a própria natureza como um todo é traduzida na peça por um jogo de tabuleiro que acontece num plano invisível, natural-espiritual, em paralelo ao plano terreno, de forma constante ao longo da trama.

Os personagens que atuam nesse jogo são a representação das forças da natureza: “A Força” e a representação dos ancestrais daqueles protagonistas: o “Preto Velho”. No roteiro, a participação desses dois personagens tem uma ação decisiva na vida dos africanos e dos seus descendentes que vivem no cativeiro. Por outro lado, em uma relação de desafio ou disputa de um com o outro, durante o jogo, servindo como espelho da vida mundana.

As cenas que dão espaço a esses personagens são cenas a partir das quais se pode trazer à tona o relativismo cultural e a possibilidade de se levantar perguntas – que podem ser respondidas por lideranças de religiões como a umbanda e o candomblé ou mesmo mestres jongueiros que venham a ser convidadas no processo de produção da peça para conversar com estudantes, professores e familiares.

Uma primeira direção nestas cenas traz um sentido, talvez polêmico, de força decisória dessa instância na vida das pessoas no mundo material. Essa atuação participativa e, por vezes, decisória dos espíritos na vida dos vivos é constituinte de inúmeras culturas “não ocidentais”, que seguem caminhos diferentes da secularização e do desencantamento de suas existências na realidade experienciada.<sup>30</sup>

Vale ressaltar a importância de valorização dessa relação entre vivos e espíritos e a sua dimensão de apoio assistencialista nas aflições do cotidiano das pessoas. Se essas relações são direcionadas para ações egoístas ou mesmo perversas contra outras

---

<sup>30</sup> Cardoso, 2008.

pessoas, talvez seja o caso de se pensar nos conflitos que são enfrentados no dia a dia e suas causas materiais, que, por vezes, levam pessoas a praticar atos ilícitos. Seja por via espiritual ou no plano da matéria, como acontece na maioria dos casos.

Por outro lado, o sentido de disputa dos ancestrais com as forças da natureza, representados pelo Preto Velho e pela Força, pode ser desconstruído em apelo à ficção de um jogo de tabuleiro. Pode ser um caminho de conversa com os professores junto a lideranças ou a especialistas em práticas religiosas, ou aquelas entendidas como culturais, tais como a capoeira, o calango, o jongo ou caxambú, sobre o lugar dos desafios, das disputas que marcam historicamente essas práticas e dos motivos pelos quais, atualmente, não são recomendados nos encontros.<sup>31</sup>

## Referências

Brumana, Fernando G.; Martinez, Elda G. *Marginália Sagrada*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

Cardoso, Luís Antônio. O Conceito de racionalização no pensamento social de Max Weber: entre a ambiguidade e a dualidade. *Teoria e Sociedade*. No. 16.1, 2008.

Karash, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808 – 1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Koguruma, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afrobrasileiras na “metrópole do café”, 1890-1920*. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2001.

Lara, Silvia Hunold; Pacheco, Gustavo (Org.). *Memória do jongo – as gravações históricas de Stanley J. Stein, Vassouras, 1949*. Campinas: Editora Folha Seca/Cecult, 2008.

---

<sup>31</sup> Para acessar as comunidades jongueiras: <http://www.pontaojongo.uff.br/acervo-jongo>

- Ligiéro, Zeca. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.
- Maggie, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- Mattos, Hebe; abreu, Martha. *Jongos, calangos e folias*. Música negra, memória e poesia. Documentário. Niterói: Labhoi / UFF – disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/node/1491>
- \_\_\_\_\_. A História como performance. Jogos, quilombos e a memória do tráfico ilegal de escravizados africanos. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- Nepomuceno, Eric Brasil et al. *Pelos caminhos do jongo e do caxambu: história, memória e patrimônio*. Niterói: Editora UFF, 2009.
- Oliveira, José Henrique Motta de. *Das Macumbas à Umbanda: a construção de uma religião brasileira*. Monografia (Licenciatura em História). Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro, 2003.
- Ortiz, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- Slenes, Robert W. A Árvore de Nsanda Transplantada: cultos Kongo de Aflição e Identidade Escrava no Sudeste Brasileiro (Século XIX). In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Júnia (Org.). *Trabalho Livre, Trabalho Escravo: Brasil e Europa, Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2006.
- Stein, Stanley J. *Vassouras. Um Município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (1985).

## **Família e amasio: estrutura e força de coesão da comunidade, motor de conflitos**

Não existe sociedade sem conflitos. Como era viver em um regime de extrema violência e como isso repercutia “dentro de casa” ou no interior das senzalas? O historiador Robert Slenes mapeou diferentes tipos de habitação destinadas a escravos nas *plantations* do Vale do Paraíba:<sup>32</sup> as senzalas do tipo Barracão (como um galpão, coabitavam várias pessoas em um único amplo recinto); do tipo Pavilhão (prédio alongado com cubículos separados, onde dormiam em números menores, em separado); do tipo Cabana (choupanas, casas de pau a pique, geralmente construídas fora do “quadrilátero funcional” – o quadrado formado pelas áreas produtivas, habitações de escravos e casa de vivenda senhorial em torno do terreiro de café). Segundo o autor, seriam nas senzalas Cabana onde haveria fisicamente a maior possibilidade de enraizamento dos laços de parentesco na fazenda, com a garantia de que não seriam separados pela venda de cônjuges ou filhos, por exemplo, denotando um espaço de conquista de maior autonomia pelas pessoas ali escravizadas.

Em seu livro *Na senzala uma flor*, pode-se encontrar um debate conciso entre historiadores como Hebe Mattos, Manolo Florentino, José Roberto Góes e suas próprias colocações sobre os significados da formação da família escrava no âmbito das *plantations*. Se a família escrava seria um mecanismo de pacificação da escravaria e, portanto, de controle senhorial sobre a mesma,<sup>33</sup> uma razão de conflito por ser uma via de mobilidade social (na conquista de alforria) e de afastamento de heranças culturais, marcando um processo de ladinação (de afastamento de referenciais afro-orientados),<sup>34</sup> ou de reconhecimento de parâmetros comuns (afro-orientados) de identidade que lhes dava força de coesão para a formação de laços parentescos e comunitários.<sup>35</sup>

Esta força de coesão foi mapeada pelo historiador Flávio Gomes, em *Histórias de Quilombolas*, justamente para explicar as bases da Insurreição liderada por Manuel Congo e outros escravizados em 1838. O autor encontra no tecido do cotidiano, assim

---

<sup>32</sup> Slenes, 1999.

<sup>33</sup> Florentino e Góes, 1997.

<sup>34</sup> Mattos, 1998.

<sup>35</sup> Slenes, 1995, 1999.

como o faz para a região de Iguazu, a força que permite a organização social daquelas pessoas sob o jugo do cativo.

## Referências

Florentino, Moanolo; gões, José Roberto. *A paz das senzalas*. Famílias escravas e tráfico Atlântico, c. 1790 – 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Gomes, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas*. Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

Mattos, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Slenes, Robert. “*Malungu, ngoma vem!*” África encoberta e descoberta no Brasil. Luanda: Museu Nacional da Escravatura, 1995.

\_\_\_\_\_. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

## Trabalho

Por muito tempo, a História da Escravidão não foi a História do Trabalho, assim como a História do Trabalho não foi a História do Negro. Nas últimas décadas, a historiografia vem revendo essa lacuna ou falta de intercessão,<sup>36</sup> por assim dizer.

A peça traz lavadeiras, trabalhadoras escravas domésticas, trabalhadores escravos de roça, ferreiros, feitores. Processos crimes permitem, a partir das respostas dos interrogatórios, perceber um interesse em afirmar certas identidades. Nota-se isso quando a pessoa faz questão de dizer que, além da roça, atua em alguma outra atividade

---

<sup>36</sup> Fortes, Alexandre; Lima, Henrique Espada; Xavier, Regina Célia Lima; Petersen, Silvia Regina Ferraz (Org.), 2013; Castillo, Lisa, Earl; Albuquerque, Wlamyra; Sampaio, Gabriela dos Reis (Org.), 2014; Reis, João José; Azevedo, Elciene (Org.), 2012.

especializada, procurando distinguir-se daqueles que respondem “não tenho profissão, sou da roça”, como se o trabalho no eito não configurasse uma “profissão”.<sup>37</sup>

A relação de trabalho, mobilidade espacial e mobilidade social são pontos relevantes a destacar. Determinadas atividades permitiam às pessoas escravizadas maior liberdade de circulação, tais como a de tropeiro ou carreiro, por exemplo. As atividades domésticas permitiam acesso a certas regalias ou confortos, mas, por outro lado, poderiam enlaçar os e as cativos/as em armadilhas afetivas na relação muito próxima a senhores e a senhoras. Ter uma profissão especializada, como um sapateiro, poderia reverter ao escravizado alguns vinténs extras, permitindo, quem sabe, juntar o pecúlio para a compra de sua alforria. Eles teriam condições de oferecer suporte a outros parceiros e parceiras, inclusive na formação de famílias escravas.

Podiam também ser cedidos por seu senhor para irem trabalhar nas terras de outro senhor. A mobilidade do trabalho no campo, especialmente entre os pequenos proprietários de terra, pode ser abordada,<sup>38</sup> bem como a relação diferenciada com seus (poucos) escravos. Uma relação diferenciada da que ocorria nas grandes *plantations* como as Fazendas da Maravilha, Freguesia e Avellar.

## Referências

Agostini, Camilla. Dinâmicas de fronteiras entre comunidades escravas e de lavradores livres. *Revista Habitus*, Vol.8 (1/2) 2010.

\_\_\_\_\_. “Ouvi dizer de um vizinho”: assim também se faz história. Análise de processos crimes e banco de dados sobre escravidão – Vassouras / RJ, século XIX. Rio de Janeiro: Labhoi, 2019.

Bezerra, Nielson. *As chaves da liberdade: confluência da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro (1833 – 1888)*. Niterói: EdUFF, 2008.

Castillo, Lisa, Earl; Albuquerque, Wlamyra; Sampaio, Gabriela dos Reis

---

<sup>37</sup> Agostini, 2019.

<sup>38</sup> Mattos, 1987; Nielson, 2008; Wissenbach, 1999; Ferreira, 2005; Agostini, 2010.

(Org.). *Barganhas e querelas da escravidão*. Tráfico, alforria e liberdade, séculos XVIII e XIX. Salvador: EdUFBA, 2014.

Ferreira, Ricardo Alexandre. *Senhores de poucos escravos*. Cativo e criminalidade num ambiente rural (1830 – 1888). São Paulo: Unesp, 2005.

Fortes, Alexandre; Lima, Henrique Espada; Xavier, Regina Célia Lima; Petersen, Silvia Regina Ferraz (Org.). *Cruzando Fronteiras – novos olhares sobre a história do trabalho*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

Mattos, Hebe. *Ao Sul da história*. Lavradores Pobres na Crise do Trabalho Escravo. Editora Brasiliense, 1987.

Reis, João José; Azevedo, Elciene (Org.). *Escravidão e suas sombras*. Salvador: EdUFBA, 2012.

Wissenbach, Maria Cristina. C. *Sonhos africanos, vivências ladinhas – escravos e forros no município de São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Ed. HICITEC, 1999.

### **Encontros com o tambor**

Os encontros com a presença de tambores foram representados na peça de forma alegórica, usando referências de diferentes tradições das populações negras rurais da região sudeste. Dessa maneira, é possível destacar elementos dos Caxambú, da Folia de Reis e da Coroação de Reis, hoje apenas encontrada junto às festas das Irmandades em Minas Gerais.

Stanley Stein, historiador que pesquisou a região de Vassouras na década de 1940 e entrevistou ex-escravos, chegou a registrar a referência à coroação de reis nos encontros de Caxambú. Encontros que, à época, eram apenas ocupação para “os mais velhos”. Alguns pesquisadores como a folclorista Maria de Lurdes Borges Ribeiro e o etnomusicólogo Paulo Dias observaram semelhanças entre os Caxambús, também registrados como Jongos, e o Candombe mineiro.

Na cena da festividade da dramaturgia *Insurreição* pode-se encontrar elementos do Caxambú e da coroação de Reis Congos, com referenciais semelhantes aos das Irmandades Mineiras. Sugere-se também, em termos de performance, a inclusão de alguns atores seguindo o cortejo copiando os movimentos dos palhaços das Folias de Reis – importante tradição na região de Vassouras.<sup>39</sup> O trabalho cênico, durante o processo de elaboração dos personagens, leva os estudantes à pesquisa de campo e eles podem descortinar esses personagens na vida real com mestres, através dos movimentos, música, memórias e histórias.

## Referências

- Abreu, Martha; Mattos, Hebe. Festas, patrimônio cultural e identidade negra. Rio de Janeiro, 1888 – 2011. *Artelogie*, 4>9, 2016.
- Galante, Rafael Benvido Figueiredo. *Da cupóia da cuíca: a diáspora dos tambores centroafricanos de fricção e a formação das musicalidades do Atlântico Negro (Sécs. XIX e XX)*. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2015.
- Karash, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808 – 1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Lara, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo. *Memória do jongo – As gravações históricas de Stanley J. Stein, Vassouras, 1949*. Campinas: Editora Folha Seca/Cecult, 2008.
- Nepomuceno, Eric Brasil et al. *Pelos caminhos do jongo e do caxambu: história, memória e patrimônio*. Niterói: Editora UFF, 2009.
- Mattos, Hebe; ABREU, Martha. *Jongos, calangos e folias*. Música negra, memória e

---

<sup>39</sup> Ver o Documentário Mattos e Abreu. *Jongos, calangos e folias*.

poesia. Documentário. Niterói: Labhoi / UFF – disponível em:

<http://www.labhoi.uff.br/node/1491>

\_\_\_\_\_. A História como performance. Jogos, quilombos e a memória do tráfico ilegal de escravizados africanos. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Ribeiro, Maria de Lourdes Borges. *O Jongo*. Cadernos de Folclore, 34. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

Slenes, Robert. “*Malungu, ngoma vem!*” África encoberta e descoberta no Brasil. Luanda: Museu Nacional da Escravatura, 1995.

\_\_\_\_\_. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Stein, Stanley J. *Vassouras*. Um Município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 (1985).

### **Protagonistas e figurantes: a questão racial em cena**

Para falar da questão racial é importante partir do princípio de que a história da escravidão é uma história de todos. Uma questão que surge logo de início e que não passa despercebida está na escolha dos atores para a representação dos papéis com base na cor da pele. Essa é uma dramaturgia não apenas de protagonismo do negro, mas de maioria negra entre seus personagens.

Se esta proposta cumpre um papel de levar esse espaço de atuação e protagonismo negro especialmente às escolas públicas, faz-se necessário pensar: por que um tema sobre a escravidão e a violência? Como é representar a violência? Devemos falar sobre ela?

Elisa Larkin Nascimento, em fala pública, certa vez afirmou que “o processo da escravidão não foi definidor do negro, mas do racismo”. Muitos autores e militantes têm demonstrado a necessidade de descolar a ideia de escravidão da identidade do negro. Muitas sociedades tiveram escravidão, logo, não se trata de equalizar negro a escravo. Vale lembrar que o “índio” era o “negro da terra”, assim como imigrantes europeus no século XIX deveriam tirar uma licença de “negro de ganho” para trabalhar nas ruas da cidade do Rio.<sup>40</sup> Assim, é fundamental historicizar a palavra Negro, encontrando seus sentidos e ressemantizações como ferramenta de luta política ao longo do tempo.<sup>41</sup> Da mesma maneira como foi feito com o conceito de quilombo, aplicado aos quilombos contemporâneos, distinguindo-os dos quilombos históricos.<sup>42</sup>

Esta dramaturgia tem o objetivo de trazer um evento histórico que dá protagonismo não apenas aos heróis negros – Manoel Congo e Mariana Crioula, entre outros –, mas também à força de coesão de uma comunidade com base em uma cultura política compartilhada. Foi uma história real e ela pode ser contada, (re)lida e interpretada por seus descendentes e pela sociedade brasileira de maneira mais abrangente.

## Referências

Moura, Carlos Alves (Org.). *Diversidade cultural afro-brasileira: ensaios e reflexões*. Brasília: FCP, 2012.

Fry, Peter et al (Org.). *Divisões Perigosas*. Políticas raciais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

Mattos, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Oliveira, I. A Construção Social e Histórica do Racismo e suas Repercussões na Educação Contemporânea. *Cadernos PENESB*, v. 9, 2007.

---

<sup>40</sup> Soares, 1994.

<sup>41</sup> Pereira, 2013.

<sup>42</sup> O’dwyer, 2007; 2011.

\_\_\_\_\_. Educação e Relações Raciais: discutindo o percurso da igualdade formal para a igualdade substantiva na educação brasileira. *Educação em Foco* (Juiz de Fora), v. 19, 2014.

O'dwyer, Eliane Cantarino. Terras de quilombo. Identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. *TOMO*. Sergipe, n.º 11, 2007.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e direitos territoriais no Brasil contemporâneo. *Iberoamericana*. XI, 42, 2011.

Pereira, Amílcar Araújo. *O mundo negro*. Relações Raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas/Faperj, 2013.

Soares, Carlos Eugênio Líbano. *A Negregada Instituição*. Os capoeiras na Corte Imperial (185-1890). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

### **A esperança da história que não foi contada**

A peça termina com um indício, quase uma esperança. Se foram 400 pessoas em fuga, havendo o grupo se dividido em duas partes para melhor se protegerem na perseguição, apenas um dos grupos foi preso. A parte que se dirigiu para a Serra do Couto nunca foi encontrada.

Nesse caso, ressalta-se o potencial do trabalho da História e da Ficção, fazendo uso do recurso da imaginação para aproximar o passado do presente em diferentes atividades que os professores venham a elaborar. Exercícios de imaginação histórica podem servir como recurso lúdico para a atração do estudante no envolvimento com a trama, podem ser direcionados ao passado acontecido propriamente relatado nos documentos, aos questionamentos associados ao presente em comunidades negras locais, ou à história da

vida do estudante (traçando sua genealogia, por exemplo), ou numa correlação entre estes.<sup>43</sup>

Outro elemento a ser lembrado é o papel do contador de histórias, o guardião das palavras contadas de um povo – que na África Ocidental chama Griô. Atividades que valorizem a força e a tradição oral podem ser desenvolvidas, como diz Ki-Zerbo, “para irrigar de sangue o esqueleto da história”.

## Referências

Alberti, Verena. *Ouvir contar*. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Figueiredo, Eurídice. *Mulheres ao espelho*. Autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Malerba, Jurandir. *História e narrativa*. A ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

Souza, Josiane Nazaré Peçanha de. *Nossos passos vêm de longe: o ensino de História para a construção de uma Educação Antirracista e Decolonial na Educação Infantil*. Curitiba: Appris, 2024.

---

<sup>43</sup> Vale uma visita ao site <http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/> para sugestão de atividades.

**IMAS** Instituto de  
Memória e  
Ação Social

INSTITUTO DE MEMÓRIA E AÇÃO SOCIAL

<https://www.institutodememoria-as.com.br/>